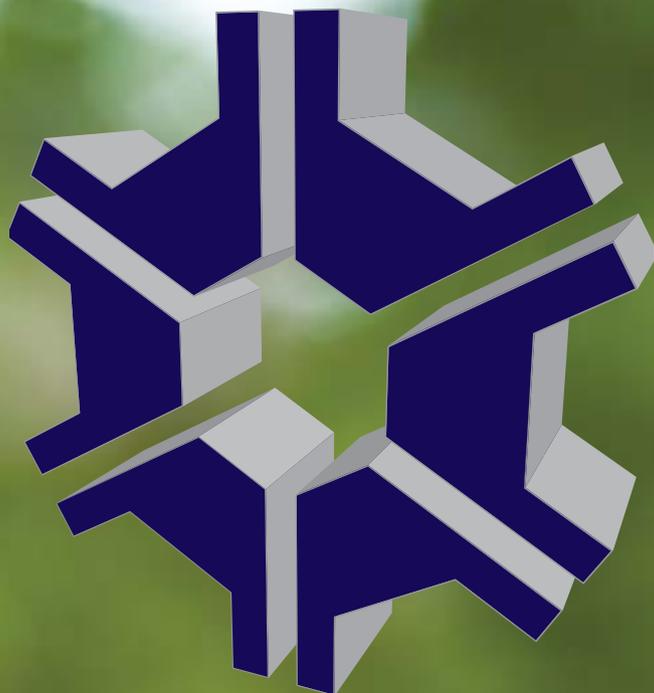


Revista

Edição Especial - Outubro 2013

AEARJ

Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado do Rio de Janeiro



80 Anos da Profissão do Engenheiro Agrônomo

**7º Congresso
Estadual de
Agronomia**

**Entrevistas com
Engenheiros
Agrônomos**

Artigos Técnicos

Balanco AEARJ

Convite

A Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado do Rio de Janeiro - AEARJ, tem o prazer de convidá-lo para a cerimônia de abertura do 7º Congresso Estadual de Agronomia.

Abertura: 23/10/2013

Horário: 10 horas

Local: Auditório Gustavo Dutra (Gustavão)

UFFRJ - Seropédica - RJ

7^o cea
Congresso Estadual
de Agronomia

Agronomia: Agricultura e Desenvolvimento Rural com Sustentabilidade. Desafios, Perspectivas e Mercado

Realização



Apoio



Rede Agronomia

Rede dos Engenheiros Agrônomos do Brasil

www.agronomos.ning.com

Programação

Dia: 23/10

- | | |
|---------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 08:30 - 10:00 | Credenciamento
Local: em frente ao Auditório Gustavo Dutra |
| 10:00 - 11:30 | Abertura
Local: Auditório Gustavo Dutra
Reitores da UFFRJ e UENF, Representante do Governo do Estado, Secr. Estado de Agricultura e Pecuária, Secr. de Estado de Desenv. Regional, Abastec. e Pesca do RJ, Pres. da CONFAEAB, Pres. da AEARJ e Prefeito de Seropédica. |
| 11:30 - 12:30 | Aula Magna |
| 12:30 - 14:00 | Almoço |
| 14:00 - 16:00 | Panel 1: "Futuro da Agricultura"
Local: Auditório Gustavo Dutra (Gustavão) |
| 16:00 - 16:30 | Café |
| 16:30 - 18:00 | Minicursos
1. Gramados Esportivos
2. Seguro Rural
3. Ovívido Protegido |
| | 1ª Apresentação de Trabalhos em Posters |
| 18:00 - 20:30 | Constituição |

Dia: 24/10

- | | |
|---------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 08:30 - 10:00 | Minicursos
4. Produção de Alimentos e Energia na Agricultura Familiar
5. Indicadores de Sustentabilidade
6. Exercício profissional e Empregabilidade |
| | 2ª Apresentação de Trabalhos em Posters |
| 10:00 - 12:00 | Panel 2: "Meio Ambiente e Sustentabilidade"
Local: Auditório Gustavo Dutra (Gustavão) |
| 12:00 - 14:00 | Almoço |
| 14:00 - 16:00 | Panel 3: "Produção, Tecnologia e Desenvolvimento Rural"
Local: Auditório Gustavo Dutra (Gustavão) |
| 16:00 - 16:30 | Café |
| 16:30 - 18:00 | Plenária
Local: Auditório Gustavo Dutra (Gustavão)
• Votação de Moções do Congresso
• Aprovação da Carta do Rio de Janeiro
• Homenagem aos Engenheiros(as) Agrônomos(as) |



BASE

soluções em substrato

Expediente

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor Presidente:

José Leonel Cortez Diniz Rocha Lima

Diretora Vice-Presidente:

Ana Paula Guimarães de Farias

Diretor Secretário:

Gilson Cassiano de Góes Filho

Diretor Técnico:

Jorge Araújo de Souza Lima

Diretor Financeiro:

Paulo Roberto Vieira Brandão

Diretora Defesa Profissional:

Lilian Grace Aliprandini

Diretor Sócio-Cultural:

Ciro dos Santos Moraes

CONSELHO DIRETOR

Ex-Presidentes membros Natos

Delton Braga

Agostinho Guerreiro

Jorge Antonio da Silva

Celso Merola Junger

Ronaldo Correa Salec

Meyer Margules

Celso Monerat de Araújo

Felipe da Costa Brasil

Sergio Agostinho Cenci

CONSELHEIROS

Alfredo Henrique Mager

Antonio Carlos de Souza Abboud

Antonio Constantino de Campos

Arivaldo Ribeiro Viana

Carlos Fernando Barroso Montano

Carlos Frederico de Menezes Veiga

Clarindo Aldo Lopes

Fábio Gomes Soares

Fernando Cerqueira Rezende

Gilberto Fugimoto de Andrade

Ingo André Haberle

João Joaquim Ávila Oliveira

Paulo Antonio Azeredo Neto

Ronaldo Nogueira Martins

Walter Martins Câmara Junior

CONSELHO FISCAL

Angela Iaffe

Antonio Gualano Cosentino Junior

Cristiana Maia de Oliveira

Diana Dantas Rodrigues

Enio Nunez

Ericson Brito de Souza

Associação dos Engenheiros Agrônomos do Rio de Janeiro - AEARJ
Rua México 31/1403 - Centro - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 20.031-144 - e-mail: aearj2010@gmail.com
Rede Agronomia - www.agronomos.ning.com

Execução



Redação e Edição:
TUDOPRESS COMUNICAÇÃO
CNPJ 12.301.715/0001-63
Rua Senador Dantas, 117 - Sala 733 - Centro - RJ
Telefone: (21) 3173-0088
www.tudopress.com.br

Coordenador: Fabio Pequeno - MTB 34916/RJ

Jornalistas Responsáveis:
Fabio Pequeno - MTB 34916/RJ
Severian Rocha - MTB 27.443/RJ

Editor: Marlon Pablo - MTB 24028/RJ

Projeto Gráfico: Pablo Marlon - MTB 24025/RJ

Fotógrafo: Leandro Ferreira

Diagramação: Cesar Raposo

Reportéres: Fabio Pequeno, Marlon Pablo,
Pablo Marlon e Severian Rocha

Revisão: Augusto Rua

Foto de Capa: www.dreamstime.com
Impressão: Ediouro Gráfica Editora Ltda.
Tiragem: 5 mil exemplares

*OS ARTIGOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.

É com grande satisfação que a AEARJ – Associação dos Engenheiros Agrônomos do Rio de Janeiro – edita uma revista especial para comemorar os 80 anos da profissão do(a) Engenheiro(a) Agrônomo(a) e comunicar a todos o 7º Congresso Estadual de Agronomia que será realizado no campus de Seropédica da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em 23 e 24 de outubro de 2013.

A profissão do Engenheiro Agrônomo foi regulamentada pelo Presidente Getúlio Dornelles Vargas, em 12 de outubro de 1933, através do Decreto Lei 23.196 que define o conjunto de nossas atribuições. O dia 12 de outubro foi adotado pela categoria como o Dia do Engenheiro Agrônomo.

Já a AEARJ foi fundada em 14 de dezembro de 1979, no auditório do Clube de Engenharia, fusão da Sociedade Brasileira de Agronomia, da Associação dos Engenheiros Agrônomos da Guanabara e da Associação Fluminense dos Engenheiros Agrônomos. Seu primeiro presidente foi Daniel Fonseca Pinto. Filiada à Confederação Brasileira das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil, representa a classe agrônômica do Estado do Rio de Janeiro.

Muito antes do meio ambiente, da sustentabilidade e do alimento saudável virar pauta governamental e reivindicações da sociedade, a AEARJ, com olhar de vanguarda, já manifestava suas preocupações com a fome, a erosão dos solos e a preservação das florestas e das águas, com os sistemas de produção não sustentáveis e com a contaminação (por agrotóxicos) dos trabalhadores, do meio ambiente, dos alimentos e dos consumidores por agrotóxicos.

Ao longo dos 34 anos de existência, nossos 10 presidentes tiveram atuações de destaque estadual e nacional. Foram dezenas de congressos, mesas redondas, debates, passeatas, seminários e cursos, promovendo os debates profissionais, técnicos, científicos, ambientais e sociais, além de apoiar as iniciativas para a proteção e valorização dos engenheiros agrônomos.

Com a previsão de que o mundo, em 2050, terá 9 bilhões de pessoas, habitando e se alimentando do Planeta Terra, serão desafiadores os próximos 34 anos para a agronomia e os engenheiros(as) agrônomos(as).

Dos 8 objetivos do milênio, definidos pela ONU no ano 2000 e que deveriam ser atingidos em 2015, dois são do campo da agronomia. O primeiro é "acabar com a fome e a miséria"; são um bilhão e duzentos milhões de pessoas que sobrevivem com menos de US\$ 1,00 por dia e a maior parte dessa população vive nas zonas rurais e da agricultura. O sétimo objetivo é a "qualidade de vida e do meio ambiente", onde um bilhão de pessoas não tem acesso à água potável. A agricultura irrigada responde por, aproximadamente, 70% do consumo global de água.

As culturas e a produção de alimentos devem ser protegidas para não serem perdidas devido a intempéries climáticas e a roedores, pragas e doenças. Reduzir as perdas durante a armazenagem. Movimentar os estoques reguladores para perto das áreas de consumo, possibilitando



Foto: Leandro Ferreira

Engenheiro Agrônomo LEONEL ROCHA LIMA
Memorial Getúlio Vargas, Glória - RJ

melhor armazenamento da safra seguinte.

O aumento da produção de alimentos, através da elevação da produtividade e melhoria da qualidade dos cultivos, passa, necessariamente, pela pesquisa agropecuária e, principalmente, a adoção dos modelos sustentáveis de produção pelos produtores, com assistência técnica e extensão rural de qualidade permanente, não ocasional, além de crédito para investimento fixo e semifixo, como de custeio e do seguro rural.

Sem a atuação dos engenheiros(as) agrônomos(as) para o desenvolvimento das novas formas sustentáveis de produção, num cenário de profundas mudanças climáticas e de degradação dos recursos naturais, o mundo tornar-se-á mais vulnerável à insegurança alimentar, com o risco de não ser possível alimentar toda a população até 2050.

Para que a fome e a insegurança alimentar recuem, a produção de alimentos precisaria crescer num nível superior ao da população. Principalmente nas áreas já utilizadas para a agricultura, com um uso mais intensivo e sustentável da terra e da água. Recuperar as áreas abandonadas antes de aumentar a fronteira agrícola.

Para vencer esses desafios, os engenheiros(as) agrônomo(as), juntamente com outros profissionais e produtores de alimentos, terão que se superar, novamente, pois cada vez serão menos produtores para mais consumidores.

Nesse cenário, com esses desafios no horizonte, a AEARJ convoca todos os engenheiros(as) agrônomos(as) e convida os demais profissionais da modalidade agronomia, envolvido na preservação do meio ambiente e na produção de alimentos, para participar do 7º Congresso Estadual de Agronomia na Universidade Rural Km 47.

Nosso congresso terá três painéis técnicos para debater, refletir e tomar posições quanto ao "Futuro da Agricultura", o "Meio Ambiente e Sustentabilidade" e a "Produção, Tecnologia e Desenvolvimento Rural".

Ofereceremos seis minicursos com temas atuais para aumentar a massa crítica dos nossos profissionais e, também, por serem importantes para a sociedade como o "Cultivo Protegido", a "Produção de Alimentos e Energia na Agricultura Familiar", os "Indicadores de Sustentabilidade", o "Seguro Rural", os "Gramados Esportivos" e o "Exercício Profissional e Empregabilidade".

Felicito todos os Engenheiros(as) Agrônomos(as) pela passagem dos 80 anos da regulamentação da nossa profissão e desejo a todos uma agradável leitura da edição especial da Revista da AEARJ.

Cordialmente,

José Leonel Rocha Lima
Engenheiro Agrônomo
Presidente da AEARJ

Exôdo Rural

07

Redes Sociais

12

Profissão

16

Especial



20

Panorama da Agricultura

10

Economia

14

Balanco AEARJ



35

Agroenergia

26

Agricultura Urbana

28

Novas Tecnologias

32

Convocação AEARJ

34

Convênio Mútua

38

Rumos da Agricultura

Severian Rocha

Agricultura no Brasil : Para onde estamos caminhando?



Foto: Cedida pelo entrevistado

Engenheiro Agrônomo JOÃO SEBASTIÃO

AEARJ – O que seria o “Futuro da Agronomia”? Para onde estamos caminhando?

João Sebastião – “O futuro da Agronomia deverá ser ainda mais surpreendente. O cenário agrícola projetado para 2025 remete a uma perspectiva de mundo com cerca de 1,4 bilhões de pessoas a mais para alimentar, vestir, fornecer energia e moradia. Por outro lado, poucos países possuirão áreas aptas ainda não cultivadas, sendo que 90% delas estão localizadas na América do Sul e África. É nesse contexto que o Brasil se consolidará como grande potência mundial, na medida em que possui recursos humanos, econômicos e domínio tecnológico para produzir.”

Exemplo que retrata bem esse domínio pode ser exemplificado através dos modernos sistemas agrícolas atualmente desenvolvidos no Semiárido Brasileiro. Onde, em meio à caatinga, são colhidas uvas, mangas, bananas, melões, cebolas, tomates, pimentões e tantos outros produtos. O milagre da agricultura brasileira em terras do Vale do São Francisco é pequena mostra do que podemos esperar do futuro da agronomia. Através de tecnologias de irrigação, melhoramento genético, emprego de fitorreguladores, manejo de podas e nutrição, há produtividade e qualidade de maçãs e pereiras, superiores àquelas obtidas em regiões de clima temperado.

AEARJ – Qual a importância da Agricultura para o Brasil.

João Sebastião – “O novo contexto de crescimento econômico mundial, com intenso desenvolvimento de países como Índia, China e Brasil, tem aumentado a demanda mundial por alimentos. No Brasil, a agricultura tem sido o setor responsável pela manutenção da competitividade da economia e é responsável por 37% do PIB. Por outro lado, o desenvolvimento da nossa economia tem possibilitado a inserção de grandes segmentos da população no mercado consumidor, consequentemente aumentando o consumo de alimentos, inclusive de maior valor agregado.”

Não obstante, a agricultura tem se constituído numa alternativa energética, através da produção de biocombustíveis. O Brasil vem assumindo papel estratégico neste contexto, com a maior área passível para expansão agrícola no mundo. Por outro lado, a sociedade cobra que o aumento da produção agrícola venha acompanhado da preservação ambiental e da sustentabilidade na utilização dos recursos naturais.

AEARJ – Em relação a esse desenvolvimento no campo, há um acompanhamento do engenheiro agrônomo?

João Sebastião – “Não resta dúvida que o desenvolvimento do campo tem a marca da participação dos engenheiros agrônomos! Para tanto, a profissão vem se reinventando e promovendo profundas alterações sem vários aspectos, sobretudo nestes últimos 45 anos. Originalmente, o engenheiro agrônomo tinha uma formação muito voltada nas atividades agropecuárias, desde a fase produtiva, dentro da porteira, até as questões ligadas à economia agrícola. Depois, sob o advento da revolução verde,

no Brasil, podemos dizer que se tem um setor que merece uma atenção especial é o da Agricultura. Não só pelos números positivos da balança comercial nos últimos tempos, do crescimento das exportações, das áreas cultiváveis, das terras férteis, mas sim, pelo futuro da agricultura no país. Que caminho estamos seguindo? Seguir para onde? E com segurança.

Desenvolver mecanismos de proteção para nossa agricultura não é tarefa fácil. O Brasil é um país enorme, de dimensões continentais gigantescas, mas, apesar de tudo, o sol ainda brilha. Para explicar um pouco sobre o que podemos chamar de Agricultura no Brasil: para onde estamos caminhando? O Engenheiro Agrônomo, João Sebastião de Paulo Araújo, professor associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Conselheiro e Diretor financeiro do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA-RJ) e Diretor de Relações Internacionais da Confederação dos Engenheiros Agrônomos do Brasil (CONFEB), especialista nestas áreas: defesa sanitária vegetal, diagnose de enfermidades vegetais, propagação de plantas, plantas ornamentais, fitobacterologia, proteção de cultivares, cana-de-açúcar, mandioca e biocombustíveis, concedeu entrevista para a Revista AEARJ.

observou-se a fase de especializações em engenharia agrícola, zootecnia, tecnologia dos alimentos e fitotecnia.”

A partir da ECO 92, temas como globalização, ecologia, questões ambientais e responsabilidade social deram à profissão do engenheiro agrônomo novas dimensões, que trouxeram perspectivas muito atraentes de atividades no campo. Incluem-se aqui também as evoluções das novas biotecnologias, mecanização, sensoriamento remoto, geoprocessamento, informática no campo, armazenamento, transporte e transformação da matéria prima.

AEARJ – Quais fatores ainda faltam para construirmos uma Agricultura sustentável?

João Sebastião – “Conceitos para práticas de agricultura sustentável já estão disponíveis: em verdade, o que ainda precisamos construir são programas e políticas de promoção e financiamento dos sistemas de produção agropecuária sustentável. Independente da dimensão da propriedade agrícola, se grande, pequena ou familiar, existem tecnologias adequadas à sustentabilidade da econômica-socio-ambiental. Contudo, é indiscutível que torna-se urgente e necessária a reconstrução do Serviço Público de Extensão Rural, de modo a garantir a difusão e adoção dessas tecnologias sustentáveis.”

AEARJ – Este ano, comemoram-se 80 anos do profissional - Engenheiro Agrônomo. O que este profissional representa, na construção desse imenso país, para o estado do Rio de Janeiro?

João Sebastião – “Ao completarmos 80 anos da profissão, regulamentada através do Decreto Federal 23.196, assinado por Getúlio Vargas, em 12 de outubro de 2013, acredito que estamos presenciando o avanço internacional do novo Agronegócio brasileiro, que dá ao engenheiro agrônomo um papel ainda mais importante no mercado de trabalho. A competitividade abre portas para os profissionais com formação bem mais eclética do que a atual, incluindo uma compreensão dos cenários internacionais e as constantes evoluções tecnológicas.”

A agricultura nacional é muito diversificada, com vários níveis de adoção de tecnologia, tornando difícil, por vezes, a inserção de um profissional muito especializado. Assim, o engenheiro agrônomo da atualidade precisa ter formação ampla, flexibilizando sua versatilidade. No Rio de Janeiro, o desenvolvimento do modelo de agricultura sustentável e a preservação do meio ambiente estão muito atrelados ao exercício da profissão. Portanto, acredito que os engenheiros agrônomos fluminenses deverão fortalecer a construção dos conceitos sobre agroecologia e desenvolvimento sustentável, ressaltando a grande tradição do Estado na agricultura orgânica.

Por último, desde já, gostaria de convidar todos para as comemorações dos 80 anos da profissão. Estão sendo programadas várias comemorações na UFRRJ, no CREA e na AEARJ, que serão divulgadas brevemente na REDE AGRONOMIA.

Êxodo Rural

Marlon Pablo

Juventude Rural e Seus Desafios

Um tema ainda pouco comentado, mas de grande relevância na comunidade agrária é a migração dos jovens que moram em áreas rurais para os centros urbanos. Segundo a Coordenadora-Geral de Políticas Transversais, Elisa Guaraná de Castro, aspectos como a desvalorização social, cultural e econômico são fatores que contribuem para o fenômeno social. O êxodo rural diminui, entretanto a pesquisadora diagnosticou que cerca de 50% de toda a migração do campo para cidade são de jovens. A Revista AEARJ entrevistou a cientista social e doutora pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), onde a mesma comenta sobre programas, ações e organizações que trabalham para a diminuição da mobilidade social.

AEARJ – Como a senhora atua nessa coordenadoria? E há quanto tempo desenvolve trabalhos voltados para Agricultura?

Elisa Guaraná de Castro - Eu atuo no tema da questão agrária, em especial, com pequenos produtores rurais e assentamentos, desde a minha graduação, no Curso de Ciências Sociais da UFRJ, sempre com foco no estado do Rio de Janeiro. Na graduação, o foco era a capacidade de a agricultura do estado do rio de Janeiro se diversificar apesar das muitas pressões como o avanço da ocupação urbana sobre as áreas agricultáveis do estado. Sob orientação do professor Gian Mario Giulliani, estudamos a produção do estado a partir dos dados do censo agropecuário e de pesquisa de campo e já defendíamos a capacidade de resistência e transformação da agricultura do estado. No mestrado, realizei um estudo comparativo entre dois assentamentos: o São José da Boa Morte em Cachoeira de Macacu e o Sol da Manhã, em Seropédica: para discutir como a identidade rural pode ser construída e reordenada socialmente. No caso do Rio de Janeiro, a migração de populações de áreas rurais de outros estados para áreas urbanas do estado carrega muito forte o desejo do retorno ao campo. Um retorno que, às vezes, significou um hiato de 40 anos, ainda assim motivou a participação em processos de acampamentos e assentamentos rurais. No doutorado, o meu foco foi a juventude rural a partir de um estudo no assentamento Eldorado em Seropédica. Procuo demonstrar como a região foi foco de inúmeras formas de ocupação e de conflitos que culminaram com o assentamento rural. Mas o tema mais relevante na tese é sobre como os jovens se percebem e atuam no meio rural brasileiro hoje. A cobrança de uma participação intensa por parte dos jovens para a continuidade e manutenção da pequena propriedade familiar e dos assentamentos rurais esbarra na difícil realidade de um meio rural que ainda é desvalorizado social, cultural e economicamente no que tange às condições de vida e trabalho.

A partir dessa abordagem, aproximei-me da temática da juventude rural e, mais recentemente, das políticas públicas para a juventude. Em 2011, fui convidada pela Secretária Nacional Severine Macedo para atuar na Secretaria Nacional de Juventude. Atualmente, coordeno a Coordenação Geral de Políticas Transversais.

AEARJ – O Brasil tem uma política antiga de tirar o jovem do campo e em mandá-lo à cidade. Hoje, com o país cada vez mais urbano, como fazer para o jovem voltar ao campo?

Elisa Guaraná de Castro - O grande desafio é integrar ações locais, regionais,

territoriais e nacionais que valorizem o papel da vida no meio rural como uma atuação estratégica para o desenvolvimento sustentável da sociedade brasileira. Mas essa valorização só pode ser sentida de forma efetiva quando o acesso a políticas públicas for mais equilibrado entre campo e cidade. São centenas de anos que consolidaram uma imagem que hierarquiza campo e cidade, associando o campo ao atraso e a cidade ao progresso. O êxodo rural vem diminuindo nas últimas décadas quanto a sua intensidade e forma de mobilidade. As populações migram menos do interior para os grandes núcleos urbanos e mais para cidades de médio porte. No entanto, a migração dos jovens representa 50% de toda a migração do campo. Apesar desse fluxo, encontramos, hoje, muitos jovens homens e mulheres que desejariam permanecer no campo, desde que com condições dignas de trabalho, geração de renda, acesso à educação, inclusão digital e lazer. O esforço é enfrentar essa desigualdade regional campo/cidade e construir o campo como uma oportunidade para a juventude brasileira. Isso já ocorre em algumas regiões onde se observa a migração de retorno. Jovens que foram para a cidade e retornaram porque foi possível atuar na propriedade ou no lote da família em condições dignas, com geração de renda e valorização do seu trabalho.

AEARJ – Quais projetos são desenvolvidos na Coordenadoria Nacional da Juventude Rural?

Elisa Guaraná de Castro - Atualmente, coordeno a Coordenação-Geral de Políticas Transversais que é responsável pela formulação e acompanhamento de políticas públicas para a juventude rural, para os jovens dos povos e comunidades tradicionais, para as jovens mulheres e para os jovens indígenas. A Coordenação tem, ainda, um importante projeto denominado Participatório – o Observatório Participativo da Juventude para produção, articulação, difusão de informações e conhecimentos sobre juventude. O Portal é voltado para pesquisadores, gestores de políticas públicas, organizações que atuam com jovens e a juventude em geral, preferencialmente. E pode ser acessado em www.participatorio.juventude.gov.br No que tange à juventude rural, estamos finalizando o desenho do Programa de Autonomia Econômica e Social para a Juventude Rural que prevê ações integradas do Incra, MDA, MiniCom, MINC, MTE e Conab para a geração de renda para a juventude rural.

AEARJ – Quais dificuldades os jovens brasileiros enfrentam hoje, no campo, para sobreviver? Trabalho? Moradia? Renda? Saúde?



Foto: Cedida pelo entrevistado

Engenheira Agrônoma ELISA GUARANÁ DE CASTRO

Elisa Guaraná de Castro - Houve, sem dúvida, uma melhoria de vida no campo brasileiro com políticas como luz para todos, aumento do crédito para a agricultura familiar, melhoria do programa de habitação rural e com o surgimento de programas voltados para a comercialização como os programas de aquisição de alimentos coordenados pela Conab. Contudo, os jovens não sentem essas mudanças como atendendo suas expectativas. O acesso a escolas é bastante limitado após o 1º segmento do ensino fundamental, o transporte ainda não permite um deslocamento seguro e com regularidade, os equipamentos públicos de esporte, cultura, saúde e lazer são poucos e precários. E ainda persiste a cultura patriarcal que permite pouca proatividade dos jovens e menos ainda das jovens. Assim, o trabalho na família, muitas vezes, é com baixa geração de renda e pouco espaço para que os jovens se sintam parte do processo. As jovens se sentem ainda mais excluídas. Podemos afirmar que, se as condições no campo são difíceis ainda para a população rural brasileira; para os jovens, o hiato entre campo e cidade não vem diminuindo e, muitas vezes, exige uma escolha que culmina com a saída do campo.

AEARJ – Este ano, comemoram-se 80 anos da regulamentação da profissão do Engenheiro Agrônomo, no país. Você jovem, representando uma “fala” de milhões jovens do campo, como olha o passado e o futuro deste profissional, que sempre contribuiu com o crescimento deste imenso país?

Elisa Guaraná de Castro - Não me incluirei na categoria jovem rural e nem em condições de representá-los. Acho que a profissão de engenheiro Agrônomo deve, a cada dia, se aproximar mais de uma visão múltipla da produção agrícola no Brasil. Produzir alimentos, por exemplo, deve ser tratado como parte estratégica dos desenvolvimentos sustentável brasileiro e para tal incluir cada vez mais os jovens e as jovens nesse processo; seja como produtores, seja como técnicos agrícolas, seja como agrônomos. Aproximar os elos da produção e da vida no campo pode representar uma forma mais sustentável a longo prazo para uma agricultura que possa, cada vez mais, dialogar com a população que a produz e a consome.

Artigos

Sombreamento dos "Modernos Estádios"

Desde 1997 venho registrando em vários artigos, palestras e cursos, mas vale a pena reiterar: - Os novos estádios de futebol, tipo "arena", com cobertura total das arquibancadas, projetam sombras no campo que prejudicam o desenvolvimento do gramado. Criam um micro clima complicado até para a manutenção/sobrevivência do vegetal. Como sabemos (ao menos deveríamos saber), os vegetais "fabricam" seu próprio alimento através da famosa equação da fotossíntese. Para relembrar os tempos de escola: com a presença de clorofila no tecido vegetal, ocorre a produção de compostos orgânicos (carboidratos) a partir de compostos inorgânicos; a água, os nutrientes e o dióxido de carbono (CO₂), utilizando a energia luminosa do sol.

Então, a planta retira a água e nutrientes do solo (na verdade, por nós fornecidos, num gramado esportivo), o CO₂ do ar atmosférico, metabolizando seu próprio alimento e liberando oxigênio para o ambiente. Para que isso ocorra, além de água, dos nutrientes e do CO₂, o vegetal precisa de luz (a clorofila já está presente no tecido vegetal em maior ou menor grau). É ela, a luz, a fonte de energia fundamental no processo de produção de alimentos do vegetal e de seu desenvolvimento. É a energia que move a fábrica. Sem a presença de luz, a maioria dos vegetais não cresce e, até mesmo, definha e sucumbe: Nos gramados esportivos, essa equação é vital para que o gramado cresça, produza massa verde, regenere-se e suporte as altas cargas de pisoteio que via de regra é submetido.

Daí, batermos sempre na tecla da necessidade de estudo criterioso, de equipe multidisciplinar, com a presença de Eng Agrônomo, para a concepção de projeto de um estádio, principalmente dos modelos Arena, priorizados pela FIFA, uma vez que estas, pelo fato de usarem coberturas muito próximas ao campo, muitas vezes opacas e/ou fixas, limitam a entrada de luz e trazem vários problemas com relação à equação básica da fotossíntese e um microclima, intra Estádio, muito complicado (sombreado e sem ventilação).

Mesmo os europeus, que já convivem com as arenas há mais tempo que nós, usam 'blends' de variedades de grama menos suscetíveis à sombra, luzes artificiais (SGL Concept) e, ainda assim, convivem com

Engenheiro Agrônomo ARTUR JORGE



Foto: Cedido pelo entrevistado

replantios todos os anos. Só que, na Europa, os replantios totais e os custos extras advindos dos problemas da sombra nos gramados são considerados como custos normais de manutenção. Além disso, na Europa, usam-se espécies de grama que necessitam de menos luz (por causa do clima temperado usam-se, na Europa, as C3 que necessitam de cerca de 12 mols/dia de luz, enquanto as C4 necessitam de cerca de 35 mols/dia).

No Brasil (onde ainda lutamos para incutir na consciência de gestores/dirigentes de Estádios, Clubes e CTs a importância dos palcos verdes para o futebol, a necessidade de bons projetos, de bons orçamentos de construção e de manutenção dos campos), o gramado nos estádios tipo arena se não forem muito bem pensados, projetados, executados e mantidos, poderão ser um grande "calcanhar de Aquiles", como vimos na Copa das Confederações. Isso porque ainda não existe uma cultura e uma consciência da importância dos gramados e, por vezes, eles ainda são vistos como um custo indesejável e não um investimento inerente ao esporte/espetáculo.

Com a linha da moderna arquitetura de Estádios, onde, através da cobertura, obtém-se maior conforto para os usuários e maior beleza das Arenas, iniciaram-se os problemas com o severo sombreamento imposto ao gramado por essas mesmas coberturas.

Isso, em grande parte, vem ocorrendo, nas 02 últimas décadas, porque os Arquitetos sonham a plasticidade dos Estádios. De outro lado, os Engs. Civis fazem sua parte e levam o sonho do Arquiteto à execução de fato. E, geralmente, com a obra/projeto já concebidos, lembram-se de que tem de se colocar um ser vivo dentro dessa espetacular criação e que este, o gramado, tem suportar uma carga intensa de pisoteio.

Os Engs. Agrônomos, que infelizmente só são lembrados quando o problema já está estabelecido, tem de solucionar a

questão, quando o ideal seria, ainda na fase de concepção do projeto, antever e mitigar esse problema, com coberturas translúcidas e escamoteáveis.

Esse fenômeno/problema vem crescendo e, tão recente é o problema como são os meios técnicos para minorá-lo. Além de manejo especial (fertilização especial, overseeding, descompactação, etc), nos últimos anos o SGL Concept (Suplementação com Luz artificial) vem se mostrando um grande aliado na mitigação dos problemas causados pelo sombreamento na Europa e no Brasil.

No Brasil, desde a Arena da Baixada (1998), em Curitiba, primeiro Estádio nacional com design de "Arena", os problemas do sombreamento vem sendo sentidos. Depois, o Engenhão no Rio, inaugurado em 2007, foi o segundo estádio em que o gramado sofre por causa do microclima intraestádio.

Inicialmente, relutava-se em usar o sistema SGL, tanto em função de custos, quanto por causa de dúvidas de sua efetiva colaboração para a melhoria das condições dos gramados. Tanto o problema como essa solução eram muito recentes. Hoje, no entanto, já há relativa segurança em recomendar o uso desse sistema em Estádios nos quais as sombras são excessivas e, além do Engenhão, que foi o pioneiro no Brasil no uso dessa tecnologia, Arenas como a do Grêmio, a Fonte Nova, a do Inter, o Maracanã, Brasília, etc, fazem uso da suplementação artificial de luz.

Para combater ou minorar esse microclima intraestádio, o COL/2014 se viu obrigado, para a boa manutenção dos gramados, recomendar para a maioria dos estádios (em maior ou menor grau, a depender da situação de micro clima de cada Estádio):

- Suplementação de luz artificial;
- Air Vaccum System (drenagem pressurizada);
- Irrigação com controle individual de aspersores; e
- Reforço de fibra sintética.

O maior problema são os custos adicionais de construção e, principalmente, manutenção dos gramados nesses estádios. Quem os pagará? De certo, nós, usuários dos estádios!!!

E isso tudo porque tem faltado a veia Agrônoma nos projetos.

Artur Jorge P. B. de Melo
Engenheiro Agrônomo & Sports Turf Consultant

O Futuro da Agricultura

Sendo a sustentabilidade o principal eixo de um futuro exitoso da agricultura com inclusão, segurança alimentar, crescimento da renda e da receita principalmente dos agricultores familiares e a conversão ecológica dos sistemas produtivos, pressupõe uma profunda reorientação dos padrões vigentes de organização socioeconômica produtiva, da assistência técnica e espacial do mundo rural.

A ciência e a tecnologia ganham um papel determinante na construção de um novo paradigma que potencialize os elementos da natureza na interação favorável dos ecossistemas, garantindo um manejo produtivo biologicamente sadio, o que implica instituições de pesquisa e inovação com novos enfoques metodológicos que organizem a produção científica e o pensar a agricultura como ecossistemas conectados ao meio e às condições sociais em que são manejados.

O futuro da agricultura na dimensão descrita terá, na revalorização do conhecimento e saber popular, os

elementos fundamentais para a formação de novos profissionais das ciências agrárias, pesquisadores, professores, extensionistas com uma sólida formação agroecológica e uma nova geração de ativistas que, mediante uma consciência social crítica, fortalecerão o processo de organização das entidades do meio rural, aumentando e qualificando os processos de participação na construção e execução das políticas públicas.

E, por fim, teremos de remover as causas que determinam as políticas públicas no país que nos impõem o atual modelo de desenvolvimento voltado para interesses de poderosos grupos empresariais sem qualquer compromisso com uma reforma agrária socialmente justa, com a preservação e conservação ambiental, com a garantia da função social do campo de produzir alimentos e emprego e o futuro de uma agricultura para todos.

Engenheiro Agrônomo Jonas Dantas
Membro Titular do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável -CONDRAF



Foto: Cedido pelo entrevistado

Engenheiro Agrônomo JONAS DANTAS

O futuro da agricultura passa, necessariamente, por modelo que garanta o desenvolvimento rural sustentável e solidário, onde o processo se dê mediante um profundo debate entre os diversos atores sociais e institucionais, integrando e aprimorando as diversas políticas públicas orientado pelo novo conceito de ruralidade.



Itograss: A grama da Copa das Confederações!

0800 282 2443
www.itograss.com.br



GRAMAS COM ATESTADO INTERNACIONAL



Panorama da Agronomia

Fabio Pequeno

Todo dia, todo mundo é afetado pela Agronomia

Os engenheiros agrônomos têm o papel destacado na agronomia. São cientistas de plantas e do solo, que desenvolvem práticas agrícolas inovadoras e tecnologias não só para aumentar o rendimento das culturas, mas também para controlar pragas e ervas daninhas e proteger o meio ambiente. Também são praticantes profissionais, educadores e conselheiros que trabalham diretamente com os agricultores, empresas e outros na comunidade para implementar os mais recentes métodos e ferramentas para o cultivo rentável e sustentável.

Nesta edição especial, a revista AEARJ entrevista o Engenheiro Agrônomo Mario Lucio Machado Melo Junior – Extensionista Rural da EMATER-RIO, representante da AEARJ no CREA-RJ, pós-graduado em Engenharia de Irrigação, ex-dirigente de várias instituições públicas, trabalhou também quatro anos na SECPLAN como Coordenador de Programas Econômicos.



Engenheiro Agrônomo MARIO LUCIO

Foto: Cédida pelo entrevistado

AEARJ - Atualmente, como você descreve o profissional de Agronomia? E você, como atua?

Mario Lucio - Os empregadores exigem um profissional de agronomia eclético, proativo, multifuncional, ao contrário da onda acadêmica de superespecialização. Todas as empresas ou instituições que atuam na ponta da produção ou comercialização agropecuária, a exceção dos centros de ensino e/ou pesquisa, demandam profissionais generalistas que usem habilmente os meios disponíveis de comunicação/informática avançada e saibam encontrar as informações específicas necessárias ao bom desempenho de suas funções. Quando me formei, abandonei a vida acadêmica e o curso de mestrado para trabalhar com extensão rural na EMATER-RIO, o sonho da minha vida. Não me arrependo desta decisão, pois estudar permanentemente TODAS as matérias do ramo da engenharia agrônoma é uma obrigação do bom profissional, principalmente daqueles que prestam assistência técnica e atuam em desenvolvimento rural sustentável. O trabalho requer desde operar GPS, computadores, elaborar projetos de crédito rural, projetos de fitotecnia (para plantio de várias culturas), adubação, controle fitossanitário, projetos de engenharia de irrigação e infraestrutura rural, elaboração de estudos e levantamentos de dados primários para projetos de desenvolvimento rural sustentável até dirigir veículos/máquinas, colocar faixas e cartazes, distribuir panfletos, fazer programas educativos de rádio e

televisão, entre outras tarefas, enfim, tudo que for necessário para melhorar a vida das comunidades abrangidas na área geográfica de atuação.

AEARJ - Os profissionais de engenharia estão muito disputados, no mercado. Ocorre também para os da área de Agronomia?

Mario Lucio - Nosso país vem batendo recorde de aumento de safra ano após ano, por expansão da área agrícola e, principalmente, pelo aumento da produtividade. O único mérito dos empresários é o investimento financeiro de risco que fazem no setor primário, pois o restante deve-se ao trabalho dos profissionais do setor agropecuário. Neste sentido, existe sempre uma forte demanda por profissionais engenheiros agrônomos tanto nas áreas de produção quanto nas de controle, vendas, ensino e pesquisa, obviamente com problemas de distribuição na concentração geográfica. Quem estiver buscando mercado de trabalho e não passou nos concursos públicos deve migrar para as regiões de expansão agrícola.

AEARJ - Estar com uma economia aquecida, no caso do Brasil, é um reflexo do esforço do profissional da Agronomia, em lutar pela sustentabilidade (produção, pesquisa, novas técnicas e etc..) da Agricultura, dos últimos 30 anos?

Mario Lucio - O aquecimento da economia se deve ao conjunto das políticas públicas adotadas pelo Governo Federal por demanda do conjunto das forças políticas que as elaboram e exigem

sua aplicação. A luta dos profissionais do setor Agronomia, nos últimos 30 anos, além de participar da elaboração das políticas públicas adotadas no país, provocou uma verdadeira revolução tecnológica/produtiva. Os conceitos "Agricultura tropical", "Agroecologia" e "Agricultura Familiar", respeitando as características de cada bioma e a diversidade sócio cultural de cada região, revelaram uma significativa melhora na relação produção/produtividade versus sustentabilidade, com resultados surpreendentes que ultrapassaram em muito as estimativas mais otimistas. Estes excepcionais resultados foram "copiados" por países desenvolvidos, sendo demandadas oficialmente por países em desenvolvimento. Obviamente, os engenheiros agrônomos participaram ativamente e em grande número deste processo.

AEARJ - Desenvolver o campo é experimentar novas tecnologias. Como é para o profissional da Agronomia conviver com cada vez mais máquinas, e menos homens, já que o Brasil é cada vez mais urbano e menos rural?

Mario Lucio - O êxodo rural é um fenômeno mundial e histórico, está relacionado com o grau de desenvolvimento econômico de cada país. Quanto mais desenvolvido, maior é o êxodo rural. As pessoas migram do campo para a cidade em busca de "uma vida melhor" e acreditam que, na cidade, encontrarão "melhores condições de vida". Certamente, isso é um reflexo do descaso e desleixo

dos proprietários de terra com a mão de obra que é explorada. A mecanização ocorre como resposta tecnológica a esse processo, mas requer que os proprietários de terras também evoluam para um estágio moderno. Já vi inúmeros donos de terra, "gigolô de vacas" reclamando da falta de mão de obra. A mecanização não resolveria o problema destas pessoas, pois apenas agricultores que dominem os fundamentos econômicos, sociais, culturais, ambientais e legais conseguem sucesso nos empreendimentos. O resto apenas reclama da vida: "antigamente, era melhor".

AEARJ - Os jovens estão indo cada vez indo para Engenharia de Produção, de Petróleo, Florestal e a Civil. Isto é uma política da indústria do nosso estado do Rio de Janeiro?

Mario Lucio - Não acredito nesta hipótese. Este fenômeno é um reflexo da pulverização dos cursos tradicionais na tentativa de copiar o modelo universitário dos USA que forma profissionais altamente especializados e, por isso, recebem um salário maior. Aqui no Brasil, esse confuso processo "de cópia" começou na década de 1970, durante a ditadura militar, para fornecer mão de obra barata ao processo econômico, então chamado de "milagre brasileiro".

Penso que a pulverização do ensino universitário brasileiro é um desserviço ao país e vem sendo "aperfeiçoado" e ampliado com a abertura indiscriminada de cursos por faculdades públicas assim como, principalmente, pelas privadas, com nomenclatura fantasia, formando turmas, antes mesmo da aprovação do MEC e dos Conselhos Profissionais. As universidades brasileiras não conseguem formar especialistas e sim fatiam o mesmo conhecimento generalista de antes entre várias profissões e profissionais, gerando sombreamento de conhecimento e atribuição profissional. Esquartejar a ciência usando nomes de cursos da "moda" (de produção, automotiva, de petróleo, de segurança, etc. ...) não significa formar profissionais qualificados/especialistas. O "mercado" não consegue absorver e pagar dignamente os vários "pseudo-especialistas", o que acarreta uma guerra que divide e desvaloriza todos os envolvidos, ou seja, está em andamento acelerado um processo de proletarização da engenharia.

AEARJ - O que você tem a dizer sobre os 80 anos da regulamentação da profissão do Engenheiro Agrônomo?

Mario Lucio - Neste, historicamente, curto período de tempo, os engenheiros agrônomos discutiram vários temas

relevantes não só para a categoria como também para a sociedade. Apenas a título de exemplo, podemos citar a questão do plantio direto para a redução da erosão dos solos; o controle do uso indiscriminado e abusivo de agrotóxicos; o resgate da agroecologia como ciência e prática comercial; a séria e preocupante questão do (não) uso ético e (des) controlado da transgenia; a importância de sistemas complexo de produção (agrosilvo-pastoril); a quebra do antagonismo agricultura x meio-ambiente; o sempre recorrente debate sobre a reforma agrária como processo de modernização e democratização do acesso à terra; a manutenção da assistência técnica e extensão rural universal, pública, gratuita e de qualidade; o fortalecimento das políticas públicas para a agricultura familiar e sua importância para o abastecimento interno do país, entre outros assuntos não menos relevantes. Sinto-me honrado e orgulhoso de, nestes 32 anos de formação profissional, ter participado destes debates e lutas sempre valorizando os aspectos coletivos das instituições de representação coletivas, as quais estou associado: AEARJ; CREA-RJ; SENGE-RJ e AFERJ.

CLUBE DE ENGENHARIA BRASIL

O Clube de Engenharia, entidade nacional fundada em 1880, convida os engenheiros agrônomos a participarem de suas atividades e a se inscreverem em sua **Divisão Técnica de Recursos Naturais Renováveis**, que atua nas áreas da conservação e preservação dos recursos naturais renováveis e sua inter-relação entre as áreas agrônoma, agrícola, florestal, hídrica, pesqueira, abastecimento e ecologia.

CLUBE DE ENGENHARIA
 FUNDADO EM 24 DE DEZEMBRO DE 1880
 Av. Rio Branco, 124 - Centro - Rio de Janeiro - RJ
 www.clubedeengenharia.org.br
 divisoes-tecnicas@clubedeengenharia.org.br

Redes Sociais

Fabio Pequeno

Rede Agronomia

Uma rede social exclusiva para o Engenheiro Agrônomo, com mais de 5.600 associados, espalhados pelo Brasil e outros países na Europa, América do Norte, África, Ásia, além dos vizinhos latino-americanos. Assim, é a Rede Agronomia. Surgiu singela em uma reunião da diretoria da AEARJ, para melhorar o processo de comunicação dos profissionais. Hoje além de ter alcançado seu objetivo de potencializar, virou uma ferramenta de mobilização para a categoria.

Nesta edição especial, a Revista AEARJ entrevista o Engenheiro Agrônomo Gilberto Fugimoto, Mestrando em Engenharia Ambiental na UFRJ e articulador de Redes Sociais desde 2003. Fugimoto – como é conhecido – Diretor do Conselho da AEARJ e idealizador da Rede Agronomia, revela quais são os motivos do sucesso da rede e os caminhos para o futuro da profissão do Engenheiro Agrônomo.

“Nós promovemos a Interação Virtual para promover a Interação Presencial. Afinal, nada substitui o contato pessoal”



Foto: Leandro Ferreira

Engenheiro Agrônomo GILBERTO FUGIMOTO

AEARJ – O que é a Rede Agronomia e por que ela é diferente de outras redes sociais?

Fugimoto – “A Rede Agronomia na internet é uma rede social construída para ser um espaço de encontro, compartilhamento e articulação dos Engenheiros Agrônomos. Nós pensamos num espaço democrático de participação e interação onde todos pudessem postar, receber informações e debater temas de interesse da categoria.”

AEARJ – Quando a plataforma foi lançada? Atualmente quantas pessoas usam a Rede Agronomia?

Fugimoto – “A Rede Agronomia foi criada de forma singela numa reunião da AEARJ em março de 2009. Conversando sobre estratégias de comunicação, ficaram claras as presentes as limitações de sites e blogs. Hoje somos mais de 5.600 membros, espalhados pelo Brasil e outros países na Europa, América do Norte, África, Ásia, além dos nossos vizinhos latino-americanos.”

AEARJ – E qual a diferença entre um site ou blog da Agronomia e a Rede Agronomia?

Fugimoto – “A grande diferença é justamente a possibilidade de interação e participação múltipla. Nós pensamos a Rede à maneira da internet 2.0 onde todos são emissores e não somente receptores de informação. Um site ou blog é muito parecido com uma Revista. Um emissor precisa pensar no conteúdo, formatar e postar para uma audiência passiva. Na Rede Agronomia todos podem postar e iniciar debates de interesse profissional. Só para se ter uma ideia, já são mais de 115 Grupos de Discussão e quase 1.000 postagens de blog sobre os mais variados temas.”

AEARJ – Afinal o que são e como funcionam as Redes Sociais?

Fugimoto – “Antes de mais nada, as Redes Sociais

representam a própria estrutura social livre de hierarquia. A gente está acostumado à hierarquia, mas não é uma estrutura “natural”. Pelo contrário, a forma como as pessoas se relacionam uma com as outras predomina horizontalidade (ninguém superior ao outro), cooperação, regras claras e compartilhadas e confiança mútua; ou pelo menos numa comunidade democrática ou saudável deveriam predominar essas características.

Hoje em dia, pensa-se em redes sociais não como as plataformas da Internet, mas à vida – e a atuação das redes – são muito maiores do que apenas esse espaço.”

AEARJ – Você atua como mediador?

Fugimoto – “Não me vejo como mediador. Até porque centralidade contraria a própria Rede. Um mediador deveria regular ou, como o nome sugere, mediar o conteúdo do que poderá ser ou não postado; nada mais contrário à proposta da Rede. Posso me ver como um “animador da Rede” um papel que todos podem igualmente desempenhar.”

AEARJ – Qual o diferencial para os Engenheiros Agrônomos com a Rede Agronomia?

Fugimoto – “Hoje dispomos de uma referência facilmente acessível, um espaço privilegiado de debates aonde se dirigir. Não temos poder para solucionar todos os problemas, mas temos capacidade e potencial de mobilização frente a grandes questões. Veja o Projeto de Lei 3423/2011 que queria autorizar o biólogo a exercer a responsabilidade técnica pela produção e beneficiamento de sementes, contrariando a Lei atual (10.711/03) e exorbitando na atribuição profissional. A indignação foi tão intensa na Rede que gerou um abaixo assinado virtual encaminhado pela AEARJ ao Congresso Nacional. O PL acabou arquivado diante da mobilização nossa e de outras entidades.

Além disso, várias iniciativas surgiram ou foram apoiadas

através da Rede Agronomia. É o caso do Curso de Gramados Esportivos, cuja última edição no Rio de Janeiro em 2013, reuniu profissionais de várias partes do Brasil. O Curso de Classificação em Solos realizado pela AEARJ em parceria com Embrapa Solos e CREA-RJ, em 2012, também foi um caso de sucesso veiculado pela Rede.

Nós promovemos a interação Virtual para promover a Interação Presencial, afinal nada substitui o contato pessoal. Conseguimos promover conversas entre profissionais que não poderiam se encontrar pela distância geográfica. Até os debates políticos da Agronomia são, em grande parte, veiculados pela Rede Agronomia.”

AEARJ – Estamos vivendo um momento de grandes manifestações onde a palavra “mudança” está em voga nas redes sociais. Como a Rede Agronomia acompanha esse momento?

Fugimoto – “Vou fazer um recorte na política profissional, mas que é plenamente aplicável ao contexto mais amplo. Pensando na política e organização numa perspectiva histórica, vemos que os mecanismos de organização que dispúnhamos eram o correio, o telefone e os jornais e comunicados editados de quando em quando pelas Associações profissionais. A organização e a articulação política da Agronomia, como todas as outras organizações sociais, dependiam de encontros (a maioria presencial) para troca de informações e articulações de suas lutas. Era o tempo das Assembléias para troca de informações e encaminhamento de lutas. Com o instrumental que se dispunha, muito se produziu em avanços para a categoria.

Mudaram os meios, mudou a sociedade. As grandes organizações sociais formadoras de opinião e luta na sociedade – sindicatos, partidos políticos e associações profissionais – já não são relevantes diante da mobilização popular que vemos recentemente. Já não atraem a massa de associados que costumava reunir nas décadas de 60 a 80. São estruturas hierárquicas perplexas com as mudanças da nova sociedade em rede.

Essa mobilização popular em rede vai mobilizar, daqui para o futuro, o debate político e os rumos de uma nova democracia mais participativa que representativa. Vai afetar inclusive a forma de organizarmos o trabalho e a produção. Quem não atentar a esse fenômeno será atropelado pela História.”

AEARJ – Este ano, comemoram-se 80 anos da profissão do Engenheiro Agrônomo. Como você avalia o atual momento deste profissional?

Fugimoto – “A Agronomia vem enfrentando diversos desafios e riscos. Assiste-se ao avanço de outras carreiras sobre as áreas tradicionalmente ocupadas pelos Engenheiros Agrônomos. Além disso, a cada momento, surge uma nova carreira, um curso técnico ou tecnológico com atuação em alguma área da Agronomia.

Devemos atentar ainda para o quadro atual do mercado de trabalho que vem reduzindo o número de vagas disponíveis com “carteira assinada”. Entretanto, há um amplo mercado que tende a demandar serviços especializados e uma produção cada vez mais tecnicizada. Vejo que a Academia, como formadora do profissional do futuro, precisa atentar para essa realidade, estimulando a criatividade e o empreendedorismo de seus alunos.”

Redes Sociais. Uma ferramenta de comunicação que, a cada dia, ganha mais adeptos.

As mídias e redes sociais tornaram-se muito populares nos últimos anos, especialmente com o surgimento de sites: o Facebook, o Myspace e o Twitter. No entanto, para aqueles que têm pouca ou nenhuma experiência tecnológica, navegar pelo labirinto das redes sociais pode ser complexo e confuso.

A mídia social é um conceito mais recente que ainda tem de adaptar uma definição padronizada. No entanto, ela pode ser melhor definida como vários caminhos através dos quais as pessoas compartilham informações, pública ou privada, com um grupo seletivo de pessoas.

A rede social é definida como sendo o ato de troca de informações, pessoal ou público, através de diversas formas de tecnologia, Internet, telefones celulares e outros serviços. Quase todos os meios de comunicação social surgiram na internet, com muitas aplicações em desenvolvimento, ou “apps”, para uso em telefones celulares, MP3 players e outros dispositivos portáteis.

Existem várias formas de redes sociais e meios de comunicação, muitas vezes com os empregadores, organizações e grupos privados, estabelecendo suas próprias redes sociais para os funcionários, sócios, ou aqueles em que se encontram certas qualificações.

Mídia social e redes tornaram-se uma ferramenta diversificada e pode ser acessado por qualquer pessoa. Uma pessoa pode postar ou compartilhar informações e compartilhá-lo com centenas, talvez milhares, de pessoas em todo o mundo, em questão de segundos.

Este novo fenômeno mudou a forma como as pessoas compartilham informações. No passado, quando alguém queria compartilhar algo com um grande público, uma pessoa tinha que contar com uma estação de jornal, televisão ou rádio, ou acessar um servidor de listas de e-mail, a fim de chegar a essas pessoas. Agora, com o surgimento das mídias sociais, a mesma informação pode ser compartilhada em uma questão de segundos.

Mídia social e redes tornaram-se uma parte tão grande da tecnologia que as empresas estão pedindo habilidades de mídia social de novos candidatos e estão criando cargos especificamente encarregada de mídias sociais. Assim como a capacidade de falar e organizar públicas foi importante, no passado, a mídia social, provavelmente, tornar-se-á uma habilidade básica de trabalho como o conceito continua a evoluir.

Seguro Rural

R\$ 700 milhões para o Seguro Rural em 2013/2014

A Presidenta Dilma Rousseff e o Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Antonio Andrade elevaram os valores do Seguro Rural no país de R\$ 400 milhões para 700 milhões. A divulgação da informação ocorreu durante o lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2013/2014, no Palácio do Planalto, em junho deste ano. Isto representa um aumento do Seguro Rural no Brasil de 75% em relação à safra do ano passado.

Ainda assim, produtores pequenos e médios reclamam dos excessos de burocracia por parte das instituições financeiras brasileiras para terem acesso ao seguro rural, no caso dos programas PROAGRO e PROAGRO MAIS, gerenciados e administrados pelo Banco Central. A Revista da AEARJ conversou com Dennis Zsolt, Engenheiro Agrônomo, formado pela Universidade Federal Rural do Estado do Rio de Janeiro – UFRRJ, Consultor em desenvolvimento de projetos rurais, há mais de 15 anos que atualmente desenvolve Projeto de capacitação em seguro agrícola e comprovação de perdas para Engenheiros Agrônomos pela AEARJ, que nos fala um pouco dessa situação.



Foto: Leandro Ferreira

Engenheiro Agrônomo DENNIS ZOLT

AEARJ – Como a sua profissão tem ajudado a desenvolver a Agricultura Familiar no nosso estado?

Dennis Zsolt – “O engenheiro agrônomo tem sido a peça-chave para o desenvolvimento da agricultura familiar no nosso estado e é possível afirmar que o agrônomo e o agricultor familiar são, juntos, os responsáveis pela segurança alimentar no estado... O cidadão fluminense, assim como a maioria dos brasileiros, não tem a noção exata de toda a cadeia por trás daquele tomate, ou alface, que ele escolhe na prateleira. A ampla atuação do profissional agrônomo confere, em última análise, a garantia de segurança alimentar desde o início da cadeia produtiva de alimentos, por exemplo.”

AEARJ – Há anos, a Agricultura tem sido um fator econômico importante no nosso país. Por que o crédito rural para este setor, ou melhor, para o pequeno agricultor, ainda é demorado?

Dennis Zsolt – “Há vários fatores. Podemos citar as prioridades do governo em relação aos dados macroeconômicos, como a balança de pagamentos e o controle das reservas, feito pelo BACEN, que também controla o PROAGRO. Contribui para a ampliação do prazo de liberação de recursos a burocracia e as tantas exigências do sistema bancário. Os bancos públicos carecem de agilidade corporativa, de agilidade de processos e contribui para este cenário o acesso restrito do pequeno produtor rural ao crédito em bancos privados, por falta de garantias compatíveis com o risco.”

AEARJ – O que é o Seguro Rural?

Dennis Zsolt – “Antes de falarmos de seguro rural, temos que falar da natureza do negócio agrícola. Temos que abordar a questão dos riscos inerentes ao negócio e da necessidade de uma

gestão efetiva, suficiente para minimizar, ou “pulverizar” riscos. Temos quatro categorias de riscos rurais. Temos o Risco de Crédito; o Risco Legal; o Risco de Preço e o Risco Operacional. Este último refere-se à possibilidade de o volume de produção esperada não se concretizar devido a eventos relacionados ao clima, tais como seca, excesso de chuva, geadas ou, ainda, devido a outros fatores, como pragas, falhas de equipamentos ou erro humano durante o período de produção. Alguns destes riscos podem ser cobertos com seguros específicos. O seguro dilui o risco entre todos os contratantes.”

AEARJ – Como o Seguro Rural poderia ajudar na agricultura do nosso estado? Existe preconceito dos agricultores rurais em relação a este modelo de “prevenção” de perdas?

Dennis Zsolt – “É necessário, em primeiro lugar, divulgar o conceito e educar os proprietários rurais e investidores sobre a ótica do seguro rural à ideia de que o Sr. João, por exemplo, paga um prêmio, assim como o Sr. José, Sr. Alcides, Sr. Geraldo e vários outros agricultores. Mas, caso o Sr. José perca a sua produção por causa de uma chuva de granizo, todos pagam por sua perda, ao invés do Sr. José arcar com o prejuízo sozinho. Indo além, a disseminação do seguro poderia diminuir, inclusive, os juros dos empréstimos, por minimizar também o risco de crédito. O seguro rural ainda luta contra a desinformação, a falta de disseminação do conceito, a falta de produtos e a fraude. O preconceito do agricultor que vê o seguro como um aumento no custo de produção e, em muitos casos, quando acionado, acaba por receber uma cobertura apenas parcial de uma perda. Acontece que o preceito é a MINIMIZAÇÃO da perda e a pergunta a ser feita neste enfoque é: qual seria o custo da perda se não houvesse seguro? Como a contratação do seguro é obrigatório pelo

PROAGRO, o gerente do banco não se preocupa em esclarecer devidamente o agricultor da importância do seguro. E o agricultor acaba interpretando o seguro como mais uma “taxa” escondida no empréstimo. É um modelo consistente, que se assemelha ao do cooperativismo, e que viabiliza e torna sustentáveis os investimentos necessários. Estou certo de que uma campanha de educação focada nas vantagens do modelo de seguro agrícola será capaz de reverter o cenário de incredulidade.”

AEARJ – Como os pequenos agricultores, cooperativas e associações que possuem suas bases na agricultura familiar, da pequena propriedade ou melhor da propriedade de subsistência, podem proteger suas produções agrícolas?

Dennis Zsolt – “No momento, pelo PROAGRO, mas somente através da contratação de empréstimo, que pode ser levantado em qualquer banco do sistema nacional de crédito rural (SNCR), desde que atenda às exigências do Banco Central. Caso o pequeno agricultor tenha condições de produzir com recursos próprios, ele não terá acesso ao seguro agrícola que cobre, especificamente, a produção.”

Por outro lado, técnicos do Banco Central sentem calafrios quando se fala em seguro desvinculado do empréstimo, assim como os bancos e seguradoras têm pavor por causa do alto índice de fraudes detectados contra o seguro.”

AEARJ – Este ano, comemoram-se 80 anos da profissão do Engenheiro Agrônomo. Como você avalia o atual momento deste profissional?

Dennis Zsolt – “Diria que a profissão começou, de fato, em torno de 8000 AC! Sabia que arqueólogos, no sudeste da Inglaterra, descobriram que o uso de esterco na agricultura começou no início do Neolítico? Pensando no passado tão distante e o grau de desenvolvimento da civilização, diria que somos o verdadeiro alicerce da sobrevivência e predominância do homem na terra. Quanto ao presente, diria que se trata de um momento muito fértil, pleno de oportunidades. No Brasil, por exemplo, vivemos um momento de expansão do acesso aos recursos naturais e aos alimentos, enquanto enfrentamos a demanda por uma engenharia que assegure a viabilidade e o acesso a esses mesmos recursos. Existe a necessidade de multiplicação exponencial e otimização da oferta de insumos agrícolas no longo prazo. Dispomos de tecnologias impensáveis há alguns anos e temos vivido em permanente intercâmbio de ideias e informação. Todo esse contexto permite assegurar que é precisamente este o grande momento para a Engenharia Agrônoma se estabelecer definitivamente como profissão imprescindível.”

Tubos perfurados para drenagem em Polietileno de Alta Densidade

KanaNET

- Qualidade
- Confiabilidade
- Durabilidade

Muito aplicado nas obras de mobilidade da Copa 2014 e Olimpíadas 2016.

Utilizado nos gramados das novas arenas.



ISO 9001



11 3779-1670

vendaped@kanaflex.com.br - www.kanaflex.com.br

Profissão

Severian Rocha

O Exercício Profissional do Engenheiro Agrônomo no País



Foto: Leandro Ferreira

Engenheiro Agrônomo JORGE ANTONIO

O momento é de grandes transformações econômicas, sociais e políticas no país. Quem tem vivenciado as últimas manifestações nas ruas das grandes cidades brasileiras tem sido surpreendido com a quantidade enorme de adesão popular, que esses levantes têm alcançado. A geração da internet está nas ruas, assim como os engenheiros agrônomos estão presentes na vida de todos os brasileiros, sejam no campo, nas cidades ou na produção de conhecimentos científicos.

Neste cenário de protestos, puxado pelas redes sociais, é bom lembrar que o homem do campo sempre lutou. Sempre fez a roda girar. A Campanha da Fome, de Betinho, com o Slogan "Quem tem fome tem pressa", passou pela força da Agricultura. Nessa pressa e realidade, a roda da agricultura nacional tem girado positivamente, levando o Brasil a um cenário de potência mundial. Para se ter uma noção, o setor agropecuário brasileiro mostrou sua dimensão com um crescimento espetacular de 9,7%, no 1º semestre de 2013. Isto representa uma entrada de bilhões de reais, na economia brasileira gerado no campo, criando um efeito positivo em diversos estados brasileiros, principalmente na região do cinturão verde: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins. O resultado logo aparece, aumento de empregos, desenvolvimento de cidades, uso de novas tecnologias, entre outros fatores que ajudam a agricultura brasileira a atingir este patamar.

Neste quadro de crescimento contínuo do setor agropecuário no Brasil, a revista AEARJ conversa com Jorge Antonio, Engenheiro Agrônomo, profissional há mais de 30 anos, vice presidente da Associação de Agrônomos do Estado Rio de Janeiro (AEARJ), diretor do Sindicato dos Engenheiros do Estado do Rio de Janeiro (Senge), associado ao Clube de Engenharia e funcionário do CREA-RJ que fala do papel, ou melhor, do exercício profissional do Engenheiro Agrônomo no estado do Rio de Janeiro e no Brasil, neste momento mágico da Agricultura.

AEARJ – O que mudou na profissão do Engenheiro Agrônomo nos últimos anos em relação ao momento atual? Qual a importância do ensino?

Jorge Antonio – "A importância se acentua cada vez mais de forma que o engenheiro agrônomo deve participar cada vez mais nos processos de desenvolvimento sustentável e nas políticas de inserção da grande maioria da população brasileira, no acesso aos bens sociais e econômicos do país. No ensino, houve uma mercantilização, ou seja, uma desarticulação política, isso acontece nos níveis superior e no médio. Criaram o engenheiro ambiental, o engenheiro florestal e, por fim, o tecnólogo. Ainda assim, o mercado prefere o profissional mais completo."

AEARJ – Qual a sua contribuição para o fortalecimento da profissão?

Jorge Antonio – "Desenvolvimento tecnológico na produção dos recursos naturais renováveis presentes em todas as cadeias produtivas do país."

AEARJ – As manifestações que aconteceram no mês de junho no país balançaram as estruturas do governo. Você acha que é uma boa oportunidade para os engenheiros agrônomos solicitarem as suas reivindicações?

Jorge Antonio – "Os Engenheiros Agrônomos devem se somar aos demais segmentos, de forma a buscar soluções para os problemas comuns da sociedade. Lembrar que sempre fizemos manifestações, desde 1987."

AEARJ – Hoje quais são as pautas mais urgentes?

Jorge Antonio – "Lutar por maior apoio aos programas federal,

estadual e municipal que tenham como objetivo o desenvolvimento rural sustentável, inserindo os engenheiros agrônomos na discussão e acompanhamento dos programas ambientais e agrícolas."

AEARJ – Porque, no estado do Rio de Janeiro, não temos um 'Boom' na agricultura familiar?

Jorge Antonio – "Neste momento, está em andamento a Conferência Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável, que contribui para apoiar uma melhor dotação de recursos para investimentos na agricultura familiar do estado. A articulação dos segmentos do meio rural é necessária para, junto com os segmentos urbanos, conseguir apoio para o atendimento das demandas específicas dos agricultores."

AEARJ – Por que existe falta de mão-de-obra no campo?

Jorge Antonio – "Existe essa situação séria aqui, no nosso estado, em decorrência da Indústria do Petróleo. Ela tira o filho do pequeno agricultor da terra e coloca-o para trabalhar nessa indústria. Além, da pressão da urbanização que é muito forte. Temos aí, um impacto econômico muito forte do setor urbano. O resultado é a disputa por mão-de-obra."

AEARJ – Este ano, o Brasil comemora 80 anos de regulamentação da profissão do Engenheiro Agrônomo. Isso mostra a força deste profissional na construção política e social do país?

Jorge Antonio – "O Engenheiro Agrônomo sempre contribuiu para esta construção e o equilíbrio econômico do país, destacado pelos números da balança comercial brasileira, mostra a força da agricultura na economia, importância que se acentua, cada vez mais, no ambiente nacional e internacional."

PRÊMIO JOHANNA DÖBEREINER 2013

GALARDOADOS

2013	Eng. Agrônomo RAUL DE LUCENA DUARTE RIBEIRO
2012	Eng. Agrônomo DEJAIR LOPES DE ALMEIDA
2011	Eng. Agrônomo PEDRO ANTONIO ARRAES PEREIRA
2010	Eng. Agrônomo RICARDO MOTTA MIRANDA
2009	Eng. Agrônomo ALDO ALVES PEIXOTO
2008	Eng. Agrônomo DELTON BRAGA
2007	Eng. Agrônomo SEGUNDO SACRAMENTO URQUIAGA CABALLERO
2006	Eng. Agrônomo ANTÔNIO RAMALHO FILHO
2005	Eng. Agrônomo SALOMÃO ARONOVICH (profissional) e EMBRAPA AGROBIOLOGIA (Empresa)
2003	Eng. Agrônomo CHARLES FREDERICK ROBBS
2002	Eng. Agrônomo ALTIR ALVES MARTINS CÔRREA
2001	Eng. Agrônomo DORACY PESSOA RAMOS



CREA-RJ
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro

Câmara Especializada de Agronomia - CEAgro



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS DE FAZER SUA ART!

Acesse www.crea-rj.org.br



CREA-RJ
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro

Educação



A criação da UENF foi um parto

Universidade nasceu de um vigoroso e persistente movimento cívico e popular

Chegar aos 20 anos já seria motivo de comemoração, mas muito mais quando se conhece a história da UENF e o quanto esta universidade deu trabalho para “nascer”. Embora o sonho com uma universidade remonte a muitas décadas, o pontapé inicial para o surgimento da UENF foi uma grande campanha popular realizada em Campos, em 1989. Aproveitando os ventos democratizantes da nova Constituição Federal, promulgada em 1988, cidadãos campistas se mobilizaram para apresentar uma emenda popular prevendo a criação da Universidade na Constituinte Estadual. Um total de 4.141 assinaturas qualificadas (com dados de identificação completos) embasou a emenda pró-Uenf, afinal aprovada e inserida no Artigo 49 das Disposições Transitórias da Constituição Estadual.

Antes disto, outro episódio importante deixaria marcas na história: viúva e sem filhos, a senhora Maria Tinoco Queiroz, conhecida como Dona Finazinha, deixou, em testamento, o seu casarão, erguido em zona nobre da cidade, para sediar a Reitoria de uma futura universidade. Falecida em 1970, Finazinha legou à cidade o que viria a ser a Casa de Cultura Villa Maria. Antes do nascimento da UENF, a Casa chegou a ser restaurada pelo governo do antigo estado do Rio em 1974, mas o projeto da sonhada universidade não foi adiante. Ainda na década de 1970, o prédio abrigou a Prefeitura de Campos, até que fosse definitivamente transferido para a Uenf, em 1995.

De acordo com Mário Lopes Machado, na ocasião dirigente do Sindicato dos Professores de Campos e Macaé e um dos líderes do movimento pela implantação da Universidade, seria necessário reunir ao menos 3 mil assinaturas qualificadas. Com ampla mobilização e apoio da Prefeitura, tendo à frente o prefeito Anthony Garotinho em seu primeiro mandato, conseguiu-se alcançar o número de 4.141 assinaturas.

— Eu era professor da Faculdade de Filosofia e diretor do Sindicato dos Professores de Campos. Então, na condição de diretor do Sindicato, nós elaboramos, com a União dos Diretórios Acadêmicos, com a Prefeitura, com a Associação dos Professores da Faculdade de Filosofia, uma minuta de emenda constitucional, com uma série de justificativas; essa terminava pedindo que se incluísse, onde coubesse, um artigo: “O Estado criará a Universidade Estadual do Norte Fluminense, com sede em Campos, num prazo de três anos da promulgação desta Carta.” E a gente conseguiu, num prazo muito rápido, ultrapassar o número de assinaturas necessárias — conta Mário Lopes.

Através da Comissão Pró-Emenda Popular pela Universidade Estadual do Norte Fluminense, o ofício foi entregue ao presidente da Comissão Constitucional da Alerj, deputado Josias Ávila. Durante a audiência na Comissão de Constituição e Justiça da Constituinte Estadual, Mário Lopes pôs na mesa a proposta de fusão da Fundação Cultural de Campos (responsável pelas faculdades de Filosofia, Odontologia e Direito) e da Fundação Benedito Pereira Nunes (mantenedora da Faculdade de Medicina de Campos). Até então, esta era a concepção que norteava o projeto da UENF. Na mesma época, conta Mário Lopes, a deputada Ivete Vargas propôs o monopólio do ensino superior estadual para a Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, à época

a única universidade estadual). A iniciativa, também ancorada em proposta popular, contava com mais de 50 mil assinaturas. Porém, segundo Mário Lopes, acabou sendo aprovada a previsão de criação da UENF, com a ressalva de que, se o artigo não fosse regulamentado no prazo de 18 meses, os novos cursos previstos seriam implantados pela Uerj. De acordo com o artigo 49 das Disposições Transitórias da Constituição Fluminense, a UENF teria sede em Campos e cursos de Medicina Veterinária em Santo Antônio de Pádua, de Agronomia em Itaocara e de Engenharia em Itaperuna.

Lutas e prazos - Uma vez promulgada a Constituição Estadual, o desafio era tirar do papel o Artigo 49 antes que perdesse a vigência pela passagem dos 18 meses. Durante um debate entre candidatos à eleição de deputados de 1990, Mário Lopes fez um apelo a que o candidato mais próximo do então governador Moreira Franco o convencesse a editar uma lei regulamentando o artigo constitucional antes de vencer o prazo. Quem se incumbiu da tarefa foi José Carlos Vieira Barbosa, o Zezé Barbosa, que fora prefeito de Campos por três mandatos e na ocasião disputava uma vaga na Assembleia Legislativa. E a estratégia deu certo: no dia 08/11/90 o governador Moreira Franco sancionava a Lei 1.740, que autorizava o Poder Executivo a criar a Universidade Estadual do Norte Fluminense. Segundo Mário Lopes, houve uma solenidade no auditório do colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde foi sancionada a lei de apenas um artigo em que dizia: “Fica criada a Universidade Estadual do Norte Fluminense nos termos do Artigo 49 das Disposições Transitórias”. A festa contou com a presença de políticos dos mais variados perfis, incluindo o então governador Moreira Franco, o então prefeito Anthony Garotinho e os ex-prefeitos Rockefeller de Lima e José Carlos Vieira Barbosa.

Com a lei aprovada, era necessário estudar a implantação da UENF. Uma Comissão nomeada pelo governo elaborou a proposta do Estatuto e a entregou ao governo em dezembro de 1990. Em fevereiro de 1991, o Decreto 16.357 criava do ponto de vista formal a UENF e aprovava seu estatuto. Mas era preciso tirar a Universidade do papel, e esta foi uma promessa de campanha do então candidato a governador Leonel Brizola, que assumiria em 1991.

Ao dar cumprimento a sua promessa, Brizola delegou a Darcy Ribeiro a tarefa de coordenar os trabalhos. Ao assumir a função, Darcy rejeitou a ideia de união entre as faculdades pré-existentes na cidade e propôs o desafio de fazer uma universidade focada em pesquisas, à qual deu o apelido de “Universidade do Terceiro Milênio”. Membros dos grupos mais diretamente envolvidos na luta pró-Uenf, sobretudo professores das antigas instituições de ensino superior de Campos, se sentiram aliados do processo diante do modelo concebido por Darcy, que previa, por exemplo, a exigência do doutorado para todo o quadro docente. Mas os horizontes que se abriram para a cidade puseram Campos e o Norte Fluminense no mapa da ciência e das melhores universidades brasileiras.

Equipe de Jornalismo da
Gerência de Comunicação da UENF

Universidade Rural

A importância da história da política econômica no incentivo às ciências agrárias do Brasil



O ensino agrícola no Brasil teve início em 1812, sob influência da estadia da Família Real no Brasil e da crise açucareira. A falta de princípios e técnicas agrônomicas mobilizou Dom João, Príncipe Regente a criar o primeiro curso de Agricultura na Cidade da Bahia.

As primeiras Instituições de Ensino Superior Agrícola do Brasil surgiram a partir de 1859, já a regulamentação oficial ocorreu pelo decreto 8.319, de 20 de outubro de 1910, assinado por Nilo Peçanha, Presidente da República e por Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda, Ministro da Agricultura. Vale mencionar que Nilo Procópio Peçanha, eleito vice-presidente da República, chegou à Presidência com a morte de Afonso Pena, exerceu o cargo apenas no período de junho de 1909 a setembro de 1910, mas teve uma atuação relevante no impulso do ensino técnico-profissional e na reorganização do Ministério da Agricultura. Apesar de Advogado, Nilo Peçanha, nascido em Campos dos Goytacazes, RJ, era filho de agricultores e sempre esteve associado à valorização de produtos agrícolas. Esse decreto estabeleceu o ensino agrônomico instituído no Ministério da Agricultura, para a instrução técnica profissional relativa à agricultura e indústrias correlatas e compreendeu a formação de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários, bases fundamentais na criação da Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária (ESAMV).

A primeira sede da ESAMV foi instalada em 1911, no palácio do Duque de Saxe, onde hoje funciona o CEFET/MEC Celso Sucknow, no Bairro do Maracanã, seguindo em 1916 a fusão à Escola Agrícola da Bahia e à Escola Média Teórico-Prática de Pinheiro, onde hoje está instalado o Colégio Agrícola Nilo Peçanha – Pinheiral, RJ. Em 1918, a Escola foi transferida para a Alameda São Boaventura, em Niterói, onde funciona hoje o Horto Botânico do Estado do Rio de Janeiro, também criado por decreto do governador Nilo Peçanha.

Em 1924, o então Presidente da República, Arthur Bernardes, destacando a precariedade de suas instalações e insuficiência de espaço instituiu instruções para a adequação da ESAM, o

decreto nº 17.768, de 12 de abril. Em 1927, transferiu a escola para o prédio onde funcionava o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, na Praia Vermelha da cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal.

O Decreto 23.857 transformou os cursos na Escola Nacional de Agronomia, Escola Nacional de Medicina Veterinária e Escola Nacional de Química em 1934; e em 1938, outro decreto-lei, 982, Lei 982, reverteu a situação – enquanto a Escola Nacional de Agronomia passou a integrar o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas (CNEPA), recém-criado, a Escola Nacional de Veterinária passou a subordinar-se diretamente ao Ministro do Estado.

Fernando Costa, Ministro da Agricultura, em 1938, inicia as obras de um campus para localizar a nova Universidade Rural no Município de Itaguaí. A transferência da Escola de Agronomia e Veterinária para o Km 47 da Estrada Rio-São Paulo, local visto então com certas reservas por causa da malária e pela presença de um grande número de grileiros na região. O novo campus da Universidade Rural foi inaugurado em 4 de julho de 1947 pelo engenheiro agrônomo e Ministro da Agricultura Fernando Costa.

O CNEPA foi reorganizado em 1943, pelo Decreto-Lei 6.155, de 30 de dezembro. Foi, na ocasião, fundada a Universidade Rural, abrangendo, na época, a Escola Nacional de Agronomia, a Escola Nacional de Veterinária. Com os Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização, iniciava-se um programa de treinamento pós-graduado para áreas específicas de Agronomia e Veterinária.

Em 1963, pelo Decreto 1.984, a Universidade Rural passou a denominar-se Universidade Federal Rural do Brasil. Em seguida, com a lei 4.759, de 1965, chegou-se à atual denominação de Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Apenas em 1º de julho de 1914, eram inaugurados, oficialmente, os cursos de Agronomia e Veterinária; e em 1916, diploma-se a primeira turma de Engenheiros Agrônomos, com dois alunos: Admar Lopes da Cruz e Alcides de Oliveira Franco.

Em 1974, após a aprovação do Estatuto e Regimento Geral da UFRRJ, foram modificadas as estruturas da Instituição, sendo criados Institutos e Departamentos Didáticos. Com esta reestruturação, foram criados, entre outros, os Departamentos de Solos, Fitotecnia e Geologia, vinculados do Instituto de Agronomia.

Ao longo de sua história, a UFRRJ expandiu seus cursos, principalmente após a inclusão do Programa de Expansão Reuni, em 2005, tendo, hoje, 55 diferentes distribuídos em três campus acadêmicos (Seropédica, Nova Iguaçu e Três Rios) e um campus em Campos dos Goytacazes. A UFRRJ, hoje, tem cerca de 15.000 alunos de graduação, 1.500 alunos de pós-graduação e mais de 800 professores efetivos.

Profª. Katherina Coumendouros
Médica Veterinária, Msc, PhD,
Pró-reitora de Extensão da UFRRJ

Especial

80 Anos da Profissão do Engenheiro Agrônomo



Foto: Cedida pelo CREA-RJ

Engenheiro Agrônomo LUÍS RODRIGUES FREIRE

"A profissão é alto título de honra e sua prática exige conduta honesta, digna e cidadã". [Código de Ética Profissional]

Agronomia, pois a predominância do extrativismo e apoio do trabalho escravo não estimulou, durante séculos de colonização, a adoção de técnicas apropriadas. Somente na metade do século XIX, com a iminência do fim da escravidão, declínio da produção agrícola na região nordeste e pecuária na região sul, dentre outras variáveis afetando negativamente o rendimento dos proprietários rurais, surgiu o embrião da Agronomia, com a criação do Imperial Instituto Bahiano de Agricultura (Decreto Imperial no 2.500-A de 11 de novembro de 1859). Em 15 de fevereiro de 1877, instalava-se, no Brasil, o primeiro curso superior de Agronomia da Imperial Escola Agrícola da Bahia, na comunidade de São Bento das Lages. Esse curso hoje integra a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no campus de Cruz das Almas. Entretanto, o ensino de Agronomia no Brasil só foi criado e regulamentado, oficialmente, 35 anos após o surgimento da primeira escola, através do Decreto nº 8.319, de 20 de outubro de 1910, que originou a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Quase 23 anos depois, em 12 de outubro de 1933, é assinado o decreto 23.196, regulamentando a profissão e definindo o conjunto de suas atribuições. O dia 12 de outubro foi adotado pela categoria como o Dia do Engenheiro Agrônomo. É importante salientar que o Decreto 23.196/33 permanece em plena vigência, o que foi reconhecido por recente Resolução do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Resolução 1048, de 14 de agosto de 2013). Para completar o conjunto de informações históricas, cabe ressaltar que o curso é de Agronomia e não de Engenharia Agrônômica: A Agronomia engloba, além da Engenharia, conhecimentos de Biologia, Economia e

Sociologia, sendo uma ciência mais ampla e complexa do que a Engenharia. O título é de Engenheiro Agrônomo, definido pelo Art.1º do Decreto-Lei 9.585, de 15 de agosto de 1946: Aos alunos que terminarem o Curso da Escola Nacional de Agronomia e dos estabelecimentos congêneres, reconhecidos pelo Governo Federal, será conferido o título de Engenheiro Agrônomo com direito a registro na Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário, do Ministério da Agricultura, na forma da legislação em vigor.

Essa breve incursão na história da Agronomia no Brasil – incluindo as entediadas e maçantes citações da legislação – tem a finalidade de comemorar os oitenta anos de regulamentação da profissão e, retornando ao primeiro parágrafo, lembrar que os desafios existem para serem vencidos. Ainda que o recém-formado sinta certo grau de insegurança – normal, face ao seu início de exercício profissional – é muito rápida a percepção de sua capacidade de resolver problemas. Os Engenheiros Agrônomos já demonstraram que sabem enfrentar e superar os obstáculos que surgem a qualquer momento, pois a sua formação é sólida e competente.

Como destacou, em outra oportunidade, o Engenheiro Eletricista Antônio Martins, o privilégio do domínio do saber Científico e Tecnológico, acumulado durante séculos pela humanidade, acarreta uma contrapartida de natureza ética: o compromisso em utilizar esse saber para atender aos anseios e necessidades da humanidade, que se traduz na busca da melhoria da qualidade de vida para todos.

Luiz Rodrigues Freire
Engenheiro Agrônomo
Crea-RJ 1971101415

Momentos Históricos

Acervo AEARJ



1979 - Daniel Fonseca Pinto
1º Presidente AEARJ. Fusão Sociedade Brasileira de Agrônomo + Associação de Engº Agrônomos + Associação Fluminense dos Engº Agrônomos



1987 - Grito da Agricultura
Concentração para a Grande Passeata
Avenida Rio Branco, mais de 10 mil manifestantes



1984 - 2º Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa no Quitandinha Petrópolis



1987 - Grito da Agricultura
Final da Passeata na Avenida Rio Branco



1987 - Grito da Agricultura com cobertura televisiva da passeata na Avenida Rio Branco



1984 - Confraternização do 2º Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa no Quitandinha Petrópolis



1987 - Posse do Jorge Antonio, Sonia, Isabel, Durval, Alda e José Luiz



1987 - Passeata dos Extensionistas com Produtores Rurais em defesa Emater-Rio, Valorização do Engenheiro Agrônomo



1984 - Confraternização Dia do Engenheiro Agrônomo Sítio da Serra Grajaú-Jacarepaguá



1985 - 14º Congresso Brasileiro de Agronomia Teatro da UERJ Lotado



1988 - 1º Encontro Estadual de Microbacias Hidrográficas em Mendes



1988 - 1º Encontro Estadual de Microbacias Hidrográficas - Grupo de Trabalho Sobre Mobilização e Organização Comunitária



1985 - Mesa de Abertura do CBA Ministro da Agricultura Pedro Simon



1985 - Engenheiro Agrônomo Pinheiro Machado, Ministro Pedro Simon e Presidente da AEARJ Agostinho Guerreiro



1988 - 1º Encontro Estadual de Microbacias Hidrográficas com grande participação dos Produtores Rurais



1985 - Ministro da Agricultura Pedro Simon



ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
Associe-se ao SENGE-RJ e conheça o nosso Departamento Jurídico!

Serviços oferecidos:

- Homologação
- Previdência (Aposentadoria)
- Trabalhista
- Cível



Sindicato dos Engenheiros no Senge-RJ Estado do Rio de Janeiro
Av. Rio Branco, 277 - Grupo 801 - 8º andar - Centro - RJ - Cep: 20040-904
Tel.: (21) 3505 0707 - Fax: 3505 0739
www.sengerj.org.br - sengerj@sengerj.org.br
twitter.com/sengerj - Facebook: Senge Rio

Especial

Momentos Históricos

Acerca AEARJ



1988 - 1º Encontro Fluminense Sobre Municipalização da Agricultura no Clube de Engenharia



1988 - 1º Encontro Fluminense de Olericultura em Paty de Alferes



2001 - Luís Inácio Lula da Silva discursando para auditório repleto



2002 - Entrega do Prêmio Johanna Döbereiner para o professor Altir Alves Martins Correa



1992 - Herbet de Souza (Betinho) no 1º Congresso de Agrotóxico



1992 - Produtor de Alimentos Nassim, Eng. Agrônomo Raul Lucena entregando cesta de alimentos saudáveis à Betinho



2003 - Posse na Presidência da AEARJ do Engenheiro Agrônomo Celso Merola Junger



2004 - 4º Congresso Estadual sobre Controle dos Agrotóxicos no Auditório do CREA-RJ



2001 - Luís Inácio Lula da Silva no 4º Congresso Estadual de Agronomia



2001 - Luís Inácio Lula da Silva, Felipe Brasil e Jorge Antonio



2005 - 5º Congresso de Agronomia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro



2009 - 6º Congresso de Agronomia na Universidade Estadual Norte Fluminense

AEARJ - Uma Entidade Presente na Defesa do Desenvolvimento Rural Sustentável

Em dezembro de 1979, a Sociedade Brasileira de Agronomia, a Associação Fluminense dos Engenheiros Agrônomos e a Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado da Guanabara aprovaram a fusão das três entidades, criando a AEARJ – Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado do Rio de Janeiro.

Iniciativas mereceram a atenção da imprensa brasileira e da sociedade em torno da agricultura e meio ambiente: o 2º Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa, o 14º Congresso Brasileiro de Agronomia e o Grito da Agricultura. A AEARJ mantém relacionamento profissional com Confea/Crea, Clube de Engenharia, SEAJ, IAB, UFRRJ, UENF, APEDEMA-RJ, FISENGE, SENG-RJ e MUTUA, ampliando a inserção nas questões profissionais e trabalhistas. Contatos e ações com entidades representativas do meio rural, de produtores e de trabalhadores rurais, e entidades dos segmentos urbanos, no relacionamento com os consumidores dos produtos do setor primário.

Em 1984, a AEARJ, junto com a CONFAEAB, promoveu, na cidade de Petrópolis, o 2º ENCONTRO BRASILEIRO DE AGRICULTURA ALTERNATIVA. Definição da Política Nacional de Controle dos Agrotóxicos, reduzir o elevado número de acidentes e intoxicações e mortes no uso abusivo dos agrotóxicos, e na ponta final o risco de consumo de alimentos contaminados pela população. No II EBAA, o Fórum Nacional de Secretários Estadual e Municipal de Agricultura, de Saúde e de Meio Ambiente de todo o país, aprovou um Protocolo de Intenções, propiciando a aprovação da Lei Federal nº 7.802/1989, Controle de Agrotóxicos, lançando bases para difusão da agricultura orgânica no Brasil.

Com o 2º EBAA, as bases para a implantação da agricultura orgânica foram edificadas. Fundada no Rio de Janeiro, pioneiro, a primeira associação de agricultores orgânicos do Brasil, a Associação de Agricultores Biológicos/ABIO. Na repercussão do 2º EBAA, os engenheiros agrônomos brasileiros distinguiram mais uma vez a AEARJ, para realizar, em 1985, o 14º CBA - Congresso Brasileiro de Agronomia, cujo tema central era AGRONOMIA, FOME, REFORMA AGRÁRIA, DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL, com mais de 2.500 participantes. Há 20 anos, com ousadia, já debatida o problema da FOME NO PAÍS e a contribuição que os profissionais de agronomia poderiam dar para superar este grave problema de milhões de brasileiros.

A AEARJ coordenou, em 1987, uma passeata inédita pela Avenida Rio Branco, no GRITO DA AGRICULTURA, recebeu aplausos da população. Mobilizou cerca de 10.000 produtores e trabalhadores

rurais, profissionais do setor agrícola estadual, contando com representantes de todos os municípios, mostrando a importância da agricultura do Rio de Janeiro e defendeu mais recursos orçamentários para o setor. Sindicatos rurais patronais e sindicatos de trabalhadores rurais, cooperativas agropecuárias, associações de produtores, entidades ambientais, vereadores e prefeitos. A AEARJ confirmou sua liderança e potencial de articulação institucional, ombreado diversos setores, os quais, apesar de possuírem divergências e diferenças em suas questões específicas, se uniram sob a liderança da AEARJ, no GRITO DA AGRICULTURA, um movimento ímpar, que consolidou uma Agenda de interesse comum, em defesa da agricultura e ambiente no Estado.

O ENCONTRO ESTADUAL SOBRE MICROBACIAS HIDROGRÁFICAS abordou a conservação dos recursos naturais renováveis do solo e da água. Muitas áreas apresentam processo de degradação acelerada e até mesmo de desertificação. A conservação da água é de vital importância frente à situação que a sociedade enfrenta e já se previa a possibilidade de racionamento. O ENCONTRO FLUMINENSE SOBRE MUNICIPALIZAÇÃO DA AGRICULTURA, realizado após a Constituinte de 1988, aprovou propostas e a identificou subsídios importantes para elaboração das leis orgânicas e ajudou a criação das secretarias municipais de agricultura e ambiente presente em quase todos os municípios. Os 1º, 2º, 3º e 4º CONGRESSOS ESTADUAIS SOBRE CONTROLE DOS AGROTOXICOS ampliaram a atenção e a preocupação das instituições federal, estadual e municipal com esta delicada questão. O 4º CEA - Congresso Estadual de Agronomia (2001), após 5 Encontros Regionais Preparatórios, o Encontro Regional de Agronomia UFRRJ (Formação Profissional de Agronomia), o Encontro Regional de Agronomia Nova Friburgo Núcleo Região Serrana (Desenvolvimento Agrícola Sustentável), o Encontro Regional de Agronomia Centro Núcleo Niterói (Política agrícola estadual e Fortalecimento das Instituições Estaduais), o Encontro Regional de Agronomia Núcleo Capital - Rio, (Organização profissional e Articulação institucional). O Encontro Regional de Agronomia Campos Núcleo Norte Fluminense (Agroenergia).

Os temas oriundos dos Encontros Regionais foram discutidos e consolidados no 4º Congresso Estadual de Agronomia, 29 e 30/08/2001. Destacamos a presença de Luís Inácio Lula da Silva no 4º CEA, ainda na condição de candidato à presidência da República. Lula destacou aos participantes do 4º CEA a prioridade para a agricultura familiar, que se concretizou em seu governo, após eleito presidente da república, em outubro de 2002, 14

meses após a realização do 4º CEA. A AEARJ possui o filme com este depoimento de Lula no 4º CEA. O 5º CONGRESSO ESTADUAL DE AGRONOMIA (2003) focou na recuperação do produtor rural do RJ. Aprovou propostas sobre: transgênicos, comercialização agrícola, agricultura orgânica, agricultura familiar, reforma agrária, desenvolvimento rural sustentável,

O 4º Congresso Estadual Sobre Controle dos Agrotóxicos e o 2º Encontro Estadual sobre Municipalização de Agricultura influenciam, diretamente, a qualidade de vida da população do Rio de Janeiro. Em 2002, organizou, com a CONFAEAB, o 1º CBAO - Congresso Brasileiro de Agricultura Orgânica, com apoio do Crea-RJ e do CONFEA, entre outras instituições. O SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE TRANSGÊNICOS (2003) abordou, com profundidade, o tema. O 1º Encontro Estadual sobre Comercialização Agrícola (2002) tratou as cadeias produtivas agrícolas e a necessidade de uma política estadual de comercialização para melhor escoamento da produção e melhor remuneração do produtor rural.

Na discussão sobre a importância da ATER e a descentralização administrativa, a AEARJ promoveu a Reunião com Secretários Municipais de Agricultura e Ambiente, (2004) que subsidiou o 2º Encontro Estadual sobre Municipalização da Agricultura, (2005). Os 1º e 2º Fóruns Nacionais de Engenheiros Agrônomos (2004 e 2007) iniciaram a reorganização da categoria no nível nacional.

O Fórum Intermunicipal de Desenvolvimento Sustentável do Médio Paraíba, 2005, em Porto Real, (Criou o Conselho do Cesma na Região Sul). O Fórum Intermunicipal de Desenvolvimento Rural Sustentável do Centro sul Fluminense, 2005, em Paty do Alferes, (Criou o Conselho do Cesma na Região Centro Sul). O Fórum Intermunicipal de Desenvolvimento Rural Sustentável do Norte Fluminense, 2005, em Campos dos Goytacazes, (Criou o Conselho do Cesma na Região Norte). A criação dos Fóruns contribuiu para a Assembleia de Fundação do CESMA - Conselho estadual de Secretarias Municipais de Agricultura e Meio Ambiente, em 2006. Os 1º e 2º Encontros Estaduais Sobre Agroenergia (2007 e 2009) reivindicaram e apoiaram a criação da Petrobrás Agroenergia. Apoiado pelo 6º Congresso Estadual de Agronomia (2009).

Os eventos realizados comprovam e consolidam a atuação presente da AEARJ na discussão e proposição de questões importantes para o desenvolvimento rural sustentável do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil.

Jorge Antonio da Silva
(ex presidente da AEARJ)



XXVIII Congresso Brasileiro de Agronomia
Segurança Alimentar e Nutricional

Novas ideias e os maiores desafios em debate

Faça sua inscrição e confira a programação pelo site:

www.congressodeagronomia.com

Maiores informações: 65 3315.3052

19 a 22
de Novembro/13

CUIABÁ - MATO GROSSO



EMBRAPA Solos

Marlon Pablo

A importância de estudar o solo



Engenheiro Agrônomo ALUÍSIO GRANATO

AEARJ – De que maneira o trabalho da EMBRAPA ajuda o produtor rural na fertilidade do solo?

Aluísio Granato – “Na minha opinião, a Embrapa Solos colabora com o produtor rural de várias formas relacionadas à avaliação e ao manejo da fertilidade do solo, desenvolve e transfere tecnologias para classificação e identificação das potencialidades e limitações do solo para a produção agropecuária, aperfeiçoa e disponibiliza metodologias para coleta de amostras e análise do solo para fins de avaliação da fertilidade, coordena um programa de controle da qualidade de laboratórios de análise de fertilidade do solo, desenvolve novos fertilizantes e indica formas de manejo para um uso mais eficiente e para a reciclagem de resíduos além de contribuir, também, para o aperfeiçoamento da aplicação de práticas conservacionistas adaptadas às diferentes condições de solo e clima do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil, possibilitando a manutenção, recuperação e/ou a melhoria da fertilidade do solo de uma forma geral.”

AEARJ – Uma boa análise de solo depende da correta amostragem na área a ser plantada. Quais os recursos e instruções que a EMBRAPA SOLOS, através dos seus Engenheiros Agrônomo, utiliza como padrão de qualidade?

Aluísio Granato – “Uma amostragem bem feita é fundamental para que se tenha uma amostra representativa da área de interesse. Neste sentido, o primeiro passo é avaliar a homogeneidade e o tamanho da área a ser amostrada. Se a área apresentar diferenças marcantes relacionadas ao uso e/ou à cobertura vegetal, à cor, à textura e à espessura do solo, à topografia e ao histórico de uso, esta deverá ser subdividida em glebas homogêneas. Dependendo do uso futuro da área, recomenda-se que sejam retiradas amostras de 0-20 cm, para culturas anuais e também de 20-40 cm, para culturas perenes. A amostragem deverá ser feita ao acaso, seguindo um caminhamento em zig zag para glebas homogêneas de até 10 ha. Pode-se usar um trado ou um enxadão, respeitando-se os cuidados para retirar a amostra na profundidade desejada. Deve-se realizar uma leve limpeza na superfície em cada ponto de amostragem, retirar e colocar as amostras simples coletadas em um balde ou outro recipiente limpo e, posteriormente, misturar bem para formar uma amostra composta (mistura de amostras simples). Retirar, aproximadamente, 300 a 500 gramas de solo, colocar em sacos plásticos identificados com o nome do proprietário, município e outras informações da gleba e enviar a Laboratório de Análise do solo.”

AEARJ – A EMBRAPA SOLOS oferece algum curso de capacitação para produtores rurais sobre fertilidade de solos?

Já imaginou o mundo sem o solo? Alimentos não poderiam ser cultivados, edificações não poderiam ser levantadas. É algo quase improvável, portanto a terra, como também podemos assim chamar, é tão importante para os seres vivos quanto a água e o ar. No Brasil, o órgão mais importante que cuida de várias pesquisas e desenvolvimentos de projetos referentes ao Solo é a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) instituição vinculada ao Ministério da Agricultura.

Criado na década de 70, pelo então Presidente da República, Emílio Garrastazu Médici que sancionou a Lei nº 5.851, onde autorizava o Poder Executivo a instituir empresa pública de Pesquisa Agropecuária em 1972, premiada em diversas áreas agrícolas, a entidade sempre buscou um trabalho de excelência para ajudar o produtor Rural. No ano em que a instituição torna-se quarentona, a AEARJ, em edição Especial, entrevistou o Engenheiro Agrônomo, Aluísio Granato de Andrade, Pesquisador Embrapa Solos, na área de planejamento de uso das terras, manejo e conservação do solo e da água, além da recuperação de áreas degradadas.

Aluísio Granato – “A Embrapa organiza treinamentos e capacitações em função da demanda na região ou capacita técnicos da extensão rural que podem ter uma ação mais próxima ao produtor.”

AEARJ – Qual nível de recursos o Governo federal disponibiliza para qualificar os Engenheiros Agrônomo atualmente?

Aluísio Granato – “Atualmente, existem recursos para treinamentos através de vários projetos. Dentre esses pode-se citar o Programa Rio Rural, que tem uma atuação específica no Estado do Rio de Janeiro, sendo necessário organizar novos treinamentos, foi atualizado, recentemente, o Manual de Calagem e Aducação do Estado do Rio de Janeiro.”

AEARJ – A Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro sofreu um grande desastre ambiental, vitimando milhares de pessoas em várias cidades. A EMBRAPA SOLOS, ajudou de alguma maneira aquela região?

Aluísio Granato – “Na minha opinião, a Embrapa se disponibilizou em ajudar e continua disposta a colaborar. Acredito que a tragédia que aconteceu na região poderia ter sido uma oportunidade para transformar os sistemas de produção predatórios que predominam na região, que utilizam práticas como aração morro abaixo, monocultivo e excesso de uso de agrotóxicos para outros sistemas com base mais conservacionista. Algumas ações, visando a estas mudanças, estão sendo feitas como treinamentos para técnicos e agricultores, instalação de unidades de pesquisa participativa em recuperação de áreas degradadas e transição agroecológica de sistemas de produção, entre outras, mas considero ainda ações muito pontuais e sem um planejamento integrado com os programas e empresas de pesquisa e extensão do Estado.”

AEARJ – Sobre os 80 anos da regulamentação do Engenheiro Agrônomo, na sua avaliação, quais as transformações mais importantes que aconteceram nessa profissão durante oito décadas?

Aluísio Granato – “Considero que o Engenheiro Agrônomo se especializou mais, o que pode trazer vantagens e desvantagens, uma vez que o manejo adequado dos agroecossistemas necessita de uma visão ampla e de muitos conhecimentos específicos. Acho, também, que a informática e o uso de geotecnologias evoluíram muito e vêm auxiliando bastante no planejamento e gerenciamento das atividades agropecuárias. Devido ao maior interesse relacionado às questões ambientais e sobre a qualidade dos alimentos, as exigências ao trabalho do Engenheiro Agrônomo também aumentaram. Outras profissões surgiram ocorrendo maior competição em algumas áreas que eram específicas de atuação dos Engenheiros Agrônomo inicialmente.”

VOCÊ SABE O QUANTO O ESTADO DO RIO DE JANEIRO PRODUZ DE HORTALIÇAS?

O Rio de Janeiro ofertou a CEASA quase 272 milhões de quilos de hortaliças no ano de 2010. Esse grande volume de produção foi colhido nos municípios do Estado do RJ e corresponde a 34,29% do total de hortaliças comercializadas na CEASA. Dessa forma o Estado do Rio de Janeiro foi o primeiro ofertante de hortaliças nesse ano.

O Sistema Integrado de Comercialização, com a implantação de duas Centrais de Abastecimento na região metropolitana e de Mercados de Produtores nas principais zonas de produção foi fundamental para a transformação e diversificação da base produtiva do Rio de Janeiro que ocorreu nos últimos 40 anos induzida pela abertura da Central de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro - Ceasa-RJ na década de 70.

A diversificação da produção do Rio de Janeiro foi apoiada pelo tripé da pesquisa agrícola, assistência técnica e crédito rural, além da oportunidade do crescente mercado consumidor de hortaliças.

São muitos os engenheiros agrônomos que participaram e continuam trabalhando nas equipes multidisciplinares das principais instituições Embrapa, Pesagro-Rio, Emater-Rio, Ceasa-RJ, UFRJ e UENF que trabalham para o setor rural fluminense.

Estados	%Estado	Quantidade KG	Valor R\$	Município Fluminense	Quantidade Kg	% Municipal
RJ	34,29	271.659.730	340.848.556	Teresópolis	47.421.271	17,46
MG	29,51	233.730.438	277.020.545	Sumidouro	28.444.434	10,47
SP	20,56	162.843.527	200.984.849	S J V R Preto	25.637.449	9,44
ES	4,66	36.948.420	40.014.933	Rio de Janeiro	23.924.743	8,81
PR	2,21	17.536.984	28.910.171	Novy Friburgo	22.391.137	8,24
SC	2,79	22.134.684	26.485.273	Paty Alferes	21.149.953	7,79
RS	1,96	15.500.314	19.939.059	Cach Macacu	19.436.402	7,15
BA	1,87	14.776.309	13.690.052	S F Itabapoana	9.822.241	3,62
GO	0,82	6.477.123	8.475.414	Vassouras	7.761.427	2,86
PE	0,69	5.466.890	6.216.653	Petrópolis	5.124.874	1,89
SE	0,33	2.598.934	2.157.818	Bom Jardim	4.556.761	1,68
MA	0,11	839.620	643.721	S João Barra	3.803.176	1,40
TO	0,06	440.670	352.536	S Sebas Alto	2.775.840	1,02
PA	0,04	300.400	238.800	Trajano Moraes	2.443.226	0,90
MS	0,02	160.000	1.578.225	Cambuci	2.268.523	0,84
PB	0,01	54.000	59.190	Itaperuna	2.159.276	0,79
MT	0,01	42.000	33.600	São Fidelis	1.738.583	0,64
RN	0,00	29.000	23.200	Magé	1.405.237	0,52
Outros	0,8	627.110	40.109,08	Paraíba Sul	1.200.478	0,44
TOTAL	100,00	792.166.143	967.733.702,64	S José de Ubá	866.256	0,32
				Duas Barras	850.474	0,31
				Tanguá	633.700	0,23
				Campos	561.632	0,21
				Guapimirim	446.831	0,16
				Cadeg *	200.200	0,07
				Queimados	183.830	0,07
				Seropédica	177.324	0,07
				Aperibé	159.630	0,06
				Itaguaí	93.080	0,03
				Barra Mansa	75.150	0,03
				Nova Iguaçu	60.100	0,02
				São Gonçalo	50.000	0,02
				Italva	45.000	0,02
				Tres Rios	36.000	0,01
				Duque Caxias	30.000	0,01
				Miguel Pereira	9.580	0,00
				Rio Bonito	1.760	0,00
				Outros Munic	33.713.932	12,41
				Total	271.659.730	100,00

* Central da de Abastecimento Estado de Guanabara, comércio entre centrais de abastecimento

Dados da Ceasa RJ e SIMA-RJ/ PESAGRO-RIO
Estudos e Análises – Engenheiro Agrônomo Leonel Rocha Lima, Extensionista Rural da EMATER-RIO



EMATER-RIO – A Empresa que mais emprega Engenheiros Agrônomo

Fundada em 1958, a EMATER-RIO – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – é a principal instituição pública que executa os projetos que apoiam e viabilizam os Programas junto aos Agricultores Familiares. Os profissionais da extensão rural enfrentam, no dia a dia os desafios inerentes à atividade agropecuária para prestarem um serviço de qualidade a maioria dos agricultores familiares e seus empreendimentos, buscando consolidar a organização produtiva e econômica, a gestão e o acesso a mercados.

Nessas cinco décadas de história na atividade agropecuária, a EMATER-RIO tem em seu quadro funcional seu maior bem. São Engenheiros Agrônomo e Técnicos que a partir da interação com as comunidades rurais, assumem a Intercessão entre a experiência dos produtores e o conhecimento científico, contribuindo para o crescimento do Estado com inclusão social e geração de emprego e renda. Trabalham, ainda, pela responsabilidade ambiental, fortalecendo a segurança alimentar e nutricional, ampliando, assim, a cidadania rural.

A Equipe de Extensão Rural ideal para um escritório local tem, necessariamente, a presença de um Engenheiro Agrônomo. Os Extensionistas da EMATER-RIO são os funcionários que mais atuam no interior do Estado. Já chegou a se falar que o Extensionista é a cara do governo no Interior.

Atualmente, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro dispõe de 108 Engenheiros Agrônomo, capacitados para fazer Assistência Técnica e Extensão Rural distribuídos da seguinte forma: nove no Escritório Central; nove na Região Norte; 15 na Região Noroeste; 17 na Região Serrana; 22 na Região Metropolitana; 10 na Região Sul e mais 26 Engenheiros Agrônomo a disposição do Governo do Estado e Prefeituras Municipais.



Foto: Cedida pela ASCOM

Engenheira Agrônoma Patrícia Santos de Castro Extensionista Rural

Nesses 55 anos, a EMATER-RIO teve como presidente oitos Engenheiros Agrônomo aos quais rendemos nossas congratulações e nominamos em ordem alfabética: Alberto Werneck Figueiredo, Aldecir José Hermelly, Aluisio Fantini, Délbio Machado, Iral Leonel Veiga, João Mauricio Gralha Tomasi, Justino Antonio da Silva, Mario Lucio Melo Machado Junior.

Fabio Pequeno

Energia

Severian Rocha

Agroenergia Brasileira é Referência Mundial



Foto: Cedida pelo entrevistado

Engenheiro Agrônomo JUAREZ DE SOUZA E SILVA

Agroenergia brasileira tornou-se uma grande referência mundial. De acordo com o Ministério da Agricultura, programas como o biodiesel e o etanol têm sido grandes ofertas econômicas e ecologicamente viáveis à substituição dos combustíveis fósseis (gasolina, carvão mineral, querosene e gás natural) para o mundo. Benefícios não faltam: custo mais baixo, poluição menor do que a gerada por outras fontes de energia.

O próprio Ministério da Agricultura, através do Departamento de Cana-de-Açúcar e Agroenergia, ligado à Secretaria de Produção e Agroenergia, organiza e fomenta ações que mobilizem a sociedade e o estado no sentido de reduzir o uso de combustíveis fósseis.

O Engenheiro Agrônomo, Juarez de Souza e Silva, professor da Titular Associado da Universidade Federal de Viçosa (UFV), com Phd em Engenharia Agrícola pela Universidade de Michigan State University (Estados Unidos), pesquisador e grande desenvolvedor de tecnologia para o setor, diz para a revista AEARJ como o Brasil está desenvolvendo técnicas de aprimoramento da energia derivada da Biomassa. E por que o Brasil é referência mundial.

AEARJ – O Brasil é um dos poucos países no mundo com uma quantidade enorme de recursos renováveis. No setor da Agroenergia, como o senhor tem desenvolvido essas ações?

Juarez de Souza e Silva – “Primeiramente, devemos nos convencer de que agroenergia pode ser definida como qualquer forma de energia derivada da biomassa de um conjunto de subprodutos agroindústria ou produtos agrícolas cultivados especialmente para fins energéticos. Como toda forma de energia tem origem solar, a energia derivada direta ou indiretamente, via fotossíntese, pode ser considerada como agroenergia. Portanto, com a imensa área territorial disponível e recebendo uma quantidade de radiação solar muito maior que as regiões de clima temperado, o Brasil pode ser considerado como um dos países com maior potencialidade para utilização de energia originada das biomassas vegetal ou animal. Podemos pensar hoje em três safras anuais. Não é fantástico? Três áreas afins desenvolvem trabalhos no setor de agroenergia na Universidade Federal de Viçosa, a saber: Melhoramento e Fitotecnia procuram espécies cada vez mais produtivas em açúcar, óleos e material lenhoso e fibras; Engenharia Agrícola e Florestal procura desenvolver tecnologias de transformação e utilização da agroenergia em diversos processos agrícolas e agroindustriais. A nossa equipe de trabalho tem trabalhado desde 1983 na produção e utilização de álcool combustível em pequena escala.”

AEARJ – O que poderíamos chamar de Agroenergia?

Juarez de Souza e Silva – “Qualquer forma de energia obtida na fazenda via cultivo ou aproveitamento de recursos naturais ou da agroindústria via aproveitamento de resíduos.”

AEARJ – A Universidade Federal de Viçosa é umas das pioneiras em desenvolvimento de técnicas para o setor agrícola. Quais técnicas desenvolvidas sobre sua responsabilidade têm ajudado a desenvolver o setor no país?

Juarez de Souza e Silva – “Como dito anteriormente, a nossa equipe trabalha no desenvolvimento de tecnologias para produção e utilização de álcool combustível em pequena escala. Já dominamos a técnica de produção do combustível para motores (veiculares e estacionários) e já temos alguns equipamentos para uso específico do álcool combustível como fogões e aquecedores domésticos. Como não existe uma lei Federal que incentive e permita a comercialização do produto local ou regionalmente, considero que o que até agora fizemos não se transformou em mudanças para o desenvolvimento.”

AEARJ – Neste ano, comemoram-se os 80 anos da regulamentação da profissão do Engenheiro Agrônomo, no país. Para o senhor, a força do campo decorre do esforço deste profissional?

Juarez de Souza e Silva – “Sem o desenvolvimento das ciências agrárias, seria, praticamente, impossível o desenvolvimento em outros ramos da atividade humana. Com a procura de incrementar a produção de alimentos para atender o crescimento da população mundial, ocorreu o desenvolvimento em outras áreas. Portanto, a formação de Engenheiros Agrônomos foi de fundamental importância no crescimento mundial. Evidentemente, com o desenvolvimento crescente da agricultura, foi necessária a criação de várias especialidades com origem na agronomia que vieram as profissões afins como veterinária, zootecnia, engenharia agrícola e ambiental, engenharia florestal dentre outras. Em breve, começará a aparecer uma nova profissão derivada para atender especificamente o campo de produção, distribuição e utilização da agroenergética.”

Prefeitura de Seropédica felicita os Engenheiros Agrônomos

Caros Companheiros,

Sinto-me muito honrado em falar aos colegas Engenheiros Agrônomos através da revista AEARJ Edição Especial 80 anos da Profissão do Engenheiro Agrônomo.

Minha origem é de uma família de pequenos produtores rurais, por isso sempre tive contato com a produção, o que me motivou a cursar Engenharia Agrônoma e posteriormente ter realizado minha Pós Graduação, em nível de Mestrado, em Ciência do Solo, aqui na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O Congresso Estadual de Agronomia é o principal evento da categoria no Estado do Rio de Janeiro. Uma oportunidade de atualização de Engenheiros Agrônomos, Estudantes, Pesquisadores e Gestores Públicos sobre temas técnicos e os desafios e dilemas da categoria. É também um importante momento de encontro e conagração para unir e ampliar a participação de todos profissionais e estudantes para o fortalecimento da classe.

Um fato que me deixa muito feliz é constatar que nossa cidade Seropédica é um dos centros de referência em pesquisa agrônoma no Brasil, composto pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA, pela Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro - PESAGRO-RJ e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro - EMATER-RIO.

Prefeito Martinazzo



Foto: Cedida pela Prefeitura

Assine



Agronegócio • Meio Ambiente • Alimentação

A Lavoura

Uma publicação da
Sociedade Nacional de Agricultura

A Lavoura é editada pela
Sociedade Nacional de Agricultura
há 116 anos

Receba 6 edições da mais importante revista especializada em agronegócio, meio ambiente e alimentação.

Promoção especial para engenheiros agrônomos

Assinatura anual

DE R\$ ~~60,00~~ POR R\$ 40,00

Agricultura Urbana

Pablo Marlon

O urbano com a essência do campo



Engenheiro Agrônomo JULIO BARROS

Quem disse que nos perímetros urbanos não há agricultura? Na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente nas comunidades da zona oeste, centro e zona norte existe um trabalho voltado para a produção de hortaliças e frutas. O trabalho funciona com o conceito da agroecologia – relação harmônica entre homem, natureza, que visa à sustentabilidade ecológica, social, econômica, cultural, política e ética –, que estabelece um conceito de inserção social de pessoas que margeiam as áreas em situações de riscos sociais.

A revista AEARJ foi à busca desse trabalho diferenciado e encontrou o Engenheiro Agrônomo Júlio Barros, coordenador do Projeto Hortas Cariocas – PHC, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro que conta como funciona esse trabalho de agricultura urbana nas comunidades cariocas.

“Objetivamente falando do Projeto Hortas Cariocas, nossa ideia é trabalhar a agricultura urbana – produção de hortaliças e frutas frescas, privilegiando a agricultura orgânica, com base nas relações comunitárias e familiares, gerando renda em postos de trabalhos nos territórios onde o projeto atua e áreas adjacentes” – Diz Júlio Barros.

Projeto Hortas Cariocas x Equipamentos Municipais

Uma das finalidades do Projeto Hortas Cariocas é estabelecer estreitamente a oferta das alimentações nas escolas da rede municipal e creches do Rio. Quem ganha com essa parceria são as crianças e seus pais. O PHC vai além do fornecimento da produção de alimentos, as próprias escolas também participam do projeto atuando de forma mais direta. Como? As escolas municipais dão sua contribuição fazendo em loco suas próprias hortas. Daí, têm-se duas frentes que traduzem benefícios: o que se produziu é acrescentado na própria alimentação escolar, além de transformar o espaço de cultivo em aulas abertas de educação agroambiental.



Fotos: Cedidas Pelo PHC



Fotos: Cedidas Pelo PHC

Aulas Abertas de Educação Agroambiental

PHC COMUNIDADE
Possibilidade de realização de "colha e pague" e feirinhas comunitárias
Menor possibilidade de atingir a sustentabilidade
Equipe formada por membros da comunidade
Meação da produção
Menor mobilidade
Menor interferência na questão do abastecimento
Menor interferência na Educação agroambiental
Menor poder de influência na comunidade
Possibilidade de doações para outros equipamentos (creches, abrigos)

PHC x Comunidades Cariocas

O Hortas Cariocas trabalha, essencialmente, com a fomentação da inserção social de pessoas e famílias que estão em situação de risco social. Mas há regras para participação no projeto. O ideal é que a pessoa já tenha noções do trabalho com a "terra", além de ser indicado através da associação de moradores. Muitas pessoas que participam do PHC nas comunidades são oriundas do campo e vieram tentar algo melhor na cidade grande, porém sem sucesso. – comenta Júlio.



Fotos: Cedidas Pelo PHC



Fotos: Cedidas Pelo PHC

Participantes do Projeto na Comunidade Faz Quem Quer

Diante desse quadro, a Secretária Municipal de Meio Ambiente da Prefeitura do Rio trabalha com perspectiva da agricultura associativa, pois fortalece as iniciativas comunitárias e agroecológicas, ocupando terrenos subutilizados e ociosos. Foi o que ocorreu na comunidade de Manguinhos e outras áreas de risco. Para termos ideia, em Manguinhos, a horta fica localizada onde havia uma concentração de viciados em "crack" de todas as idades.

PHC ESCOLA
"Colha e pague" não pode ser realizado
Menor possibilidade de atingir a sustentabilidade
Equipe formada por pais de alunos
Produção quase integral para refeitório da escola
Menor mobilidade
Menor interferência na questão do abastecimento
Interferência direta na Educação agroambiental
Menor poder de influência na comunidade
Doações exclusivas para a escola
Atinge a Segurança Alimentar e Nutricional dos alunos

Na comunidade "Faz Quem Quer", a produção está a todo vapor. A capacitação empreendedora de agronegócio funciona muito bem. Nas comunidades participantes do projeto, o modelo de negócio funciona com o "colhe e pague" nas feirinhas comunitárias, pois, assim, há uma chance maior de o morador atingir uma sustentabilidade e ter uma maior mobilidade para ofertar seus produtos.

O Horta Carioca é uma realidade que a cada dia se fortalece mais e mais nas comunidades do Rio. A soma de forças entre os atores sociais é a essência para que tudo possa dar certo aos tomadores de decisão pode acertar a viabilização desse projeto. O Júlio Barros acreditou na ideia e faz bem construindo um recomeço de cidadania pela agricultura.



Confederação das Associações dos Engenheiros Agrônomos do Brasil

Indicadores Econômicos



Foto: Leandro Ferreira

Doutora em Economia Aplicada GABRIELA SANCHEZ

É Doutora em Economia Aplicada, Mestre em Economia Agrária e Recursos Naturais pela Universidad Politécnica de Madri – Espanha. Sua especialidade é analisar, quantitativamente, a sustentabilidade através de indicadores e índices de qualquer atividade econômica, atualmente é professora da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), onde desenvolve atividades nas áreas de: Economia Agrária e Recursos Naturais. A Professora Gabriela Fernandez Sanchez conta, de maneira objetiva e clara, para revista AEARJ, como as ferramentas de mensurações numéricas apontam caminhos para a sustentabilidade em áreas como a agricultura.

Aparentemente, entender o que são indicadores pode ser difícil compreensão, mas torna-se fácil o entendimento do assunto quando deparamos com uma pessoa que no olhar, percebe-se que é apaixonada pelo campo de estudos em que atua. Gabriela Sanchez, explica, de uma forma simples e serena, o que são indicadores e para que servem.

– “Bom... para começar, são parâmetros que servem para

medir algo: O PIB, por exemplo, é um indicador clássico em economia que representa a soma (em valores monetários) de todos os serviços que são produzidos em uma determinada região, durante determinado período, permitindo, assim, mensurar a atividade econômica de uma região”. E como estes indicadores são trabalhados dentro do campo de vista da sustentabilidade na agricultura? “Respondendo pela ótica da sustentabilidade, é uma construção social que varia em função das preferências das cidades para cada momento e lugar – comenta Sanchez.” Sendo uma construção social, há um alicerce que mantém essa estrutura em pé, de que forma são construídos esses indicadores dentro da sustentabilidade agrária? “Através da multifuncionalidade da agricultura – função econômica (renda do agricultor), função social (manutenção do agricultor no campo, soberania alimentar) e função ambiental (lamentar as exigências de preservação dos RRNN- medidas de nivelamento- com o conselho econômico)” – acrescenta a professora. Então, quando todos esses elementos se tornam sustentáveis? “Toda vez que a agricultura cumpre o papel que a sociedade espera dela em suas múltiplas funções, trata-se de uma agricultura sustentável.” Diz Sanchez. De que maneira podemos saber se há sustentabilidade agrária em uma região ou local e como se constata? “A análise produtiva da sustentabilidade não é tarefa trivial e não está isenta de críticas. Por um lado, a crítica do levantamento ‘ad hoc’ de indicadores pode ser superada através dos empregos de marcos ordenadores ou marco metodológico que permitem analisar a sustentabilidade de forma ampla, desde a seleção e desenho de indicadores, até a exposição e interpretação dos resultados finais” – Afirma Gabriela Sanchez. A complexidade agrícola habita a economia, passando pela cultura e claro, uma direta relação com o meio ambiente... Sendo assim, de que forma pode-se fortalecer a agricultura familiar, evitando uma catarse no ponto de vista do êxodo rural? “Então, há locais rurais no mundo que não existe mais, quase ninguém habita. Na Espanha, eu visitei um lugar que só havia 3 moradores (idosos) quer dizer: Se os tomadores de decisões (políticos) não executarem uma política agrícola eficiente, haverá uma crise no setor de abastecimento” – Comenta. E, de que forma as ferramentas de mensurações econômicas podem prevenir ou, pelo menos, amenizar essa situação aqui no Brasil? “O PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento Familiar) é uma maneira de tentar evitar esse caos aqui no Brasil, mas há regras para se obter o incentivo”. Mas, fica só por conta de levantar dados numéricos para órgãos e “tomadores de decisões” ou vai além disso? – “Vai além, técnicos, de acordo com os órgãos, explicam formas de melhorias para plantio ou estudos de solos, etc. Essa via é mão dupla, pois não há uma faculdade para se aprender a ser agricultor, de repente, o agricultor conseguiu plantar algo que, supostamente, não poderia ter uma produção expressiva num determinado local” – Explica Gabriela Sanchez.

Desenvolvimento rural com sustentabilidade



Através de programas como Rio Rural, Estradas da Produção, Rio Leite, Rio Genética entre outros, a Secretaria Estadual de Agricultura e Pecuária está promovendo a melhoria da infraestrutura do campo, incentivando a produção com sustentabilidade e criando condições para o produtor viver da atividade.

A Tecnologia a Serviço da Agricultura



Engenheiro Agrônomo EDWIN HOLMAN

AEARJ – Como você analisa a tecnologia utilizada na agricultura nos dias atuais? Principalmente, em relação às flores e hortaliças?

Edwin Holman – “Em produção de flores e hortaliças, ainda não há um padrão. A tecnologia utilizada encontra-se entre extremos. Mesmo nas áreas de produção com alta tecnologia, isto é, estufas climatizadas, controle automático de Fertirrigação, sombreamento, umidade do ar, falta a adequação da tecnologia às condições locais. Além disso, parte das aplicações das tecnologias fogem do objetivo, simplesmente por não atenderem às especificações técnicas exigidas e desconhecidas. Por exemplo, o uso de Alumitelas em estufas contra excesso de luz para evitar excesso de calor é algo que pode ser encontrado nas estufas mais tecnificadas. Porém, perdeu-se o foco. Alumitela é para segurar a temperatura da planta e deve ser usada em noites frias, não durante o foto período em dias quentes, pois, além de refletir uma parte do calor potencial (luz incidente) para fora da estufa; para dentro da estufa, esta mesma tela reflete a radiação infravermelha, saindo de volta para as plantas. Aplicação de uma simples tela de sombreamento durante parte do foto período pode resolver grande parte do problema.”

AEARJ – Como vocês atuam hoje e quais os produtos agrícolas trabalhados?

Edwin Holman – “Temos 2 empresas, a ‘Dessa Consult’ e a ‘Dessa Control’. A ‘Dessa Consult’, no mercado desde 1998, presta serviços de consultoria, inclusive análise de solo e substrato para sistemas de produção com fertirrigação, através de metodologia específica para este fim. Adaptamos a metodologia para servir produção em clima (sub)tropical. Prestamos consultoria integrando irrigação, nutrição, microclima e manejo de pragas

o clima no mundo está cada vez mais instável. Cuidar de grandes áreas cultiváveis no mundo não tem sido tarefa simples. São pragas, chuvas, geadas, frio, seca, além da degradação contínua do solo, em decorrência de uso errado de técnicas agrícolas. No Brasil, as queimadas são um exemplo disso, assim como o uso excessivo de agrotóxicos de péssima qualidade nas plantações, que acabam afetando, em muito, o desenvolvimento da agricultura no país.

Para mudar este quadro, a pesquisa científica tem sido uma aliada importante para a Agricultura. São muitos os engenheiros agrônomos que defendem a pesquisa como um caminho nas prevenções das catástrofes pelo planeta. Mas, para sabermos melhor como a pesquisa científica tem ajudado a melhorar a qualidade da agricultura no país, a revista AEARJ, entrevistou uns dos maiores especialistas da área, no mundo, Sr^o Edwin Holman, Engenheiro Agrônomo, formado pela Universidade de Agricultura de Wageningen, Holanda, que, desde 1998, é um dos diretores da ‘Dessa Consult’, com sede na cidade de Holambra, interior de São Paulo. A empresa, que é especializada em nutrição de plantas em regiões tropicais e subtropicais, com consultoria para produção de mudas, flores e hortaliças, com laboratório próprio, ainda, possui um corpo de profissionais altamente capacitados, de engenheiros agrônomos holandeses, que ajudam as pesquisas no Brasil e em outros países, como Moçambique (África).

Nesta entrevista, o Sr^o Edwin Holman, que é também pesquisador e consultor, conta um pouco para nós como a ‘Dessa Consult’ tem ajudado a desenvolver técnicas eficazes, para melhorias nas produções agrícolas de várias áreas da agricultura.

e doenças. Desenvolvemos conhecimento que possibilita o controle de patógenos através do manejo de nutrição, irrigação e microclima. Com sucessos.

A ‘Dessa Control’ é a empresa mais nova, que desenvolve equipamentos de medição para otimizar o manejo de sombreamento e ventilação usando sensores de CO₂ e luz PAR (Photo Active Radiation, faixa de luz aproveitada pelas plantas) e câmaras de ‘temperatura infravermelha’ para medição direta nas folhas, possibilitando avaliações do microclima e indicação da produtividade ou perda dela.”

AEARJ – Como são os processos de pesquisa nos laboratórios?

Edwin Holman – “As pesquisas feitas nos laboratórios, inclusive 3 câmaras climáticas da ‘Dessa Consult’, têm como objetivo a busca de explicações de acontecimentos no campo que não podem ser explicados com conhecimentos existentes.”

AEARJ – Em termos de segurança agrícola nos quais vocês trabalham: mudas, flores e hortaliças – qual o resultado nesses últimos anos?

Edwin Holman – “Aumentos significativos de produtividade & resistência natural contra pragas e doenças. Por exemplo:

- Em produção de Cíclâmen, realizamos junto ao cliente aumento de produtividade de 25% devido redução de perdas e aumento de qualidade do produto final.
- Em produção de mini Samambaia ornamentais realizamos junto ao cliente uma redução de perda de vida a doenças de 70% para menos de 2%. Ambos os casos foram realizados através de adequação do manejo de nutrição, irrigação e microclima.
- Em produção de mudas de Azaléia realizamos junto ao cliente

um aumento da matéria seca de 60%, possibilitando um ‘start melhor’.

- Em produção de rúcula, aperfeiçoamos o manejo pré-plantio (adubação de base) e manejo de fertirrigação, oferecendo uma tabela personalizada de adubação. Com resultados de análises simples de EC e pH que o próprio produtor realiza, ele consulta a tabela para definir seu manejo de nutrição.
- Em produção de tomate reduzimos junto ao cliente a perda devido ao mosca branca, através da condução das plantas, nutrição e combate através da nutrição, inclusive via pulverização de nutrientes via foliar.

O Foco principal é a realização de produção sadia, minimizando, assim, o uso de agrotóxicos. Regularmente, ainda é necessário o combate de patógenos, porém é possível realizar a maior parte através do manejo de nutrição, irrigação e microclima.

Muitas novidades no mercado têm como objetivo ajudar as plantas a ficarem saudias, ao invés de eliminar as causas que atrapalham a saúde delas. A ‘Dessa Consult’ pretende continuar, através de análises e avaliações de dados, a eliminar as causas e oferecer para as plantas as condições para que possam realizar o seu potencial genético.”

AEARJ – Sabemos que agronegócio é servido das inovações de tecnologia, existe esse cuidado de transferir para os pequenos produtores?

Edwin Holman – “A ‘Dessa Consult’ atende produtores de pequeno porte através do programa SebraeTec, parte do Sebrae que oferece suporte financeiro (80% do custo do projeto) para inovação e aperfeiçoamento tecnológico. Apesar de ainda precisar de ajustes entre Sebrae e seus fornecedores, o programa é uma boa ferramenta para a realização de inovação em pequenas propriedades.”

AEARJ – O setor agrícola tem tido um crescimento contínuo nos últimos anos, vide PIB da agricultura do primeiro semestre de 2013 que alcançou 9,3. Como fazer para este crescimento ser sustentável?

Edwin Holman – “O Foco deveria estar em otimizar a eficiência de uso de carbono (EUC) das culturas, reconhecendo a influência da respiração sobre este balanço e o efeito negativo de estresse oxidativo, principalmente devido ao ozônio devido ao precursor NO₂ de produção antropogênica (combustão quente). A diferença entre produtividade em média realizada no campo e produtividade potencial dependendo de cultura fica em torno de fator quatro, em grande parte devido à EUC baixo: aumento de produtividade potencial devido melhoramentos genéticos (MG) foi estimado em 3% por década. Na tendência de aumento de NO₂ e ozônio, temos muito mais para perder via redução da EUC do que ganhar via MG. Queimas de grande escala, por exemplo, a queima de cana na área agrícola e a combustão de óleos na área marítima são fontes principais de precursores de ozônio e deveriam ser controlados de forma adequada. Investir em novos conhecimentos na área de epigenética; culturas, são influenciadas pelos fatores de clima e do manejo do agricultor em expressar o potencial genético. Epigenética é dominante sobre genética (!). No campo, ervas daninhas viram glyphosato-ready sem modificação genética, mas por passar experiência como necessidade de ter alta concentração de glutathione epigeneticamente para a próxima geração. Resultados de recentes pesquisas, inclusive a apresentada neste congresso por mim, devem ganhar suporte inclusive subsídio para a realização de aplicação na prática. Precisamos de maior suporte para a transferência de tecnologia para o campo.”

AEARJ – Este ano, comemoram-se 80 anos da profissão do Engenheiro Agrônomo. O que essa profissão representa para o País?

Edwin Holman – “A profissão do Engenheiro Agrônomo representa, para Brasil, e o Mundo, um grupo de profissionais divididos entre eles, não conseguindo comunicar com a sociedade em termos de oferecer mecanismos teóricos com aplicabilidade na prática. Uma característica internacional persistente e dolorosamente expressada pelo Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) explica que a vegetação terrestre está incluída nas avaliações como um constante, em vez de um fator dinâmico, por falta de congruência entre apresentações dos engenheiros agrônomos. Em pesquisa, com visão, conseguimos ordenar dados. Dados em si não levam à visão.”

Missão do Engenheiro Agrônomo: ter coragem para ser visionário, oferecendo mecanismos teóricos com aplicabilidade na prática (James G. Horsfall).

RAIN BIRD



• Sistemas de Irrigação
• Paisagismo
• Gramados Esportivos
• Agricultura

Procure sua Rain Bird mais próxima.

Número 1 no mundo. Número do Brasil em Irrigação de Jardins e Gramados.

O uso inteligente da água.

www.rainbird.com.br

Balanço AEARJ

Agricultura Familiar

Fabio Pequeno

Associativismo e Cooperativismo fortalecendo a Agricultura Familiar no Estado do Rio de Janeiro



Diretoria da UNACOOP e Produtores Rurais

Mesmo reconhecida a importância da agricultura familiar para o abastecimento e segurança alimentar no Estado do Rio de Janeiro, esse segmento é desafiado a apresentar respostas cada vez mais rápidas frente ao processo de globalização.

Fundada em dezembro de 1992, a União das Associações e Cooperativas de Pequenos Produtores Rurais do Estado do Rio de Janeiro (UNACOOP) tem como principal objetivo fortalecer a agricultura familiar, contribuindo para o desenvolvimento econômico, tornando-se uma alternativa vantajosa para os agricultores familiares, propiciando-lhes sua inserção nos mercados, ampliando a sua possibilidade de enfrentamento da concorrência da agricultura empresarial.

Atualmente, a UNACOOP conta com um quadro social formado por 138 Associações e Cooperativas de Pequenos produtores pertencentes a 75 municípios do Estado, substituindo, assim, a figura do atravessador, pois o associado produz, e ele mesmo vende sua produção por meio do espaço na CEASA, conseguindo maior retorno econômico na comercialização dos produtos ofertados em maiores volumes, como menores custos de comercialização e, recentemente pelo fornecimento aos programas governamentais – Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.

Para Margarete Teixeira, gerente da UNACOOP, o surgimento desta forma de associativismo e cooperativismo constitui-se numa busca pela melhoria da qualidade de vida do agricultor e, numa visão mais ampla, coloca-se como meio alternativo de desenvolvimento local, visto que apresenta uma relação de afinidade com o conceito de capital empresarial, ou seja, em sua essência, a UNACOOP caracteriza-se por uma forma de produção e distribuição de riquezas baseada em princípios como a ajuda mútua, a igualdade, a democracia e a equidade. "O sucesso nesses mais de 20 anos só existe porque existem nossos associados e uma diretoria coesa e certa de suas responsabilidades, afinal também são agricultores familiares".

Os planos da UNACOOP para o futuro são ambiciosos - conquistar o credenciamento de Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER – para apoiar, mais ainda, ações no campo de regularização das organizações e a isenção de taxas de condomínio que hoje são pagas pela utilização do espaço na CEASA RJ os valores são altos para os trabalhos sociais.



Reunião da diretoria da UNACOOP com Produtores Rurais

EDITAL ELEIÇÕES PARA DIRETORIA E CONSELHOS DA AEARJ – BIÊNIO 2014/2015

CONVOCAÇÃO AOS ENGENHEIROS AGRÔNOMOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A AEARJ convoca os Engenheiros Agrônomos do Estado do Rio de Janeiro, para a Assembleia Geral Extraordinária, em 24 de outubro de 2013, na UFRRJ, Auditório Gustavo Dutra, no horário das 16 horas, (durante a realização do 7º CEA) para aprovação dos membros da Comissão Eleitoral que coordenará o processo de eleição da Diretoria Executiva, Conselho Diretor, Conselho Fiscal da AEARJ, para o biênio 2014/2015.

2011



Setembro - Gilson, Lilian e Leonel SOEA Florianópolis



Outubro - Discurso do Presidente na Posse da AEARJ



Outubro - Posse da Diretoria no auditório SEAJ



Outubro - Leonel e Ana Paula com os três ex-presidentes da AEARJ



Outubro - Coquetel da posse da nova diretoria



Outubro - Conferencia Regional Sudeste no CREA-RJ

2012



Janeiro - Assembleia Coopaferr



Abril - Eleição da AEARJ para presidência do CONSEA-RIO



Junho - Cúpula dos Povos Visão do Ponto de Encontro dos Engenheiros AEARJ - SENGE-RJ



Junho - Cúpula dos Povos Debate Soberania Alimentar



Junho - Cúpula dos Povos, estudantes da Indonésia



Junho - AFERJ e AEARJ na Marcha dos Povos

Balanço AEARJ

Acervo AEARJ

2012



Setembro - Encontro com Estudantes da UENF



Setembro - Encontro dos Engenheiros Agrônomos na UENF



Setembro - Visita ao Centro de Tecnologia de Engenhos em Quissamã



Setembro - Conferência Desenvolvimento Regional



Outubro - Comemoração do Dia do Engenheiro Agrônomo na SEAPEC



Outubro - Homenagem aos melhores do ano



Outubro - Convidados para a comemoração do Dia do Engenheiro Agrônomo



Outubro - Entrega do Prêmio Johanna Döbereiner à Dejour Lopes de Almeida



Novembro - Reunião no Sindicato Rural Campo Grande



Novembro - Projeto Hortas Cariocas Comunidade da Maré



Novembro - Engenheiro Agrônomo Amauri e Leonel em Brasília com a petição contra a PL do Biólogo



Novembro - Protocolo da petição contra a PL do Biólogos no Senado

2013



Janeiro - Reunião GT-Agriculturas na PMCRJ



Janeiro - Voto do RJ na eleição da CONFAEAB



Janeiro - Posse do João Araújo na Diretoria de Relações Internacionais da CONFAEAB



Março - Reunião AEARJ preparatória para o 7º CEA



Abril - Dialogo Florestal Clube de Engenharia



Abril - 2º Curso de Gramados Esportivos na Embrapa Solos



Abril - Turma do 2º curso Gramados Esportivos



Mai - Mesa redonda criação da ANATER



Julho - Dia Nacional de Luta na Avenida Rio Branco



Aula de Campo do Curso de Atualização da Classificação Brasileira de Solos



Setembro - Reunião da CONFAEAB em Gramado

AEARJ assina convênio com a MÚTUA-RJ: sócios podem usufruir de todos os convênios da Mútua

A MÚTUA-RJ assinou convênio com a AEARJ, possibilitando que os sócios da Associação, com registro ativo no CREA/RJ, possam usufruir de todos os convênios da Mútua em todo o Brasil. Para tanto, os sócios da Associação deverão se inscrever na Mútua na categoria de sócio Institucional, ficando, nessa categoria, isentos de qualquer pagamento à Mútua.

Para o diretor geral da MÚTUA-RJ, Paulo Granja, a parceria com a Aearj representa um avanço, tanto para a MÚTUA, como para a Associação. "Sempre buscamos estreitar nosso relacionamento com as entidades com registro no CREA, como forma de aperfeiçoamento da nossa atividade. Nesse convênio com a AEARJ não será diferente. O que buscamos é uma parceria de longo prazo, que contribua para ajudar a melhorar a qualidade de vida dos profissionais do Sistema CONFEA/CREA/MÚTUA", destacou o diretor. Ele também fez questão de frisar a importância da participação de toda a Diretoria da AEARJ. Os entendimentos para a assinatura desse convênio foram finalizados com o atual presidente da Associação, engenheiro agrônomo, José Leonel Rocha Lima.

Dentre os diversos convênios disponíveis, Paulo Granja destaca o TecnoPrev - o plano de previdência complementar, instituído pela MÚTUA e administrado pelo Banco do Brasil, com taxas de administração de apenas 3% (taxa menor do que a taxa cobrada pelo próprio BB aos seus clientes). Paulo Granja lembra que o TecnoPrev aceita a portabilidade dos recursos aplicados em outros planos de previdência complementar.

Além do TecnoPrev, Paulo Granja destaca o Clube Mútua de Vantagens, administrado pela Dynamus, que oferece descontos significativos em diversos produtos e serviços. São dezenas de parceiros que oferecem vantagens em seguros, hotéis, agências de viagens, eletroeletrônicos, automóveis, vestuário, academias, livros e muitos outros (veja no box ao lado alguns dos parceiros).

MÚTUA-RJ também oferece Benefícios reembolsáveis com juros a partir de 0,3% ao mês

O diretor Paulo Granja conta que, além dos convênios, a MÚTUA também oferece Benefícios reembolsáveis com restituição à MÚTUA em até 36 meses, com 6 meses de carência para iniciar o reembolso. Em 10 dos 11 benefícios reembolsáveis, os juros que eram muito menores dos que os praticados pelo mercado, agora, com a proposta da MÚTUA homologada em 30 de agosto de 2013, pelo Confea, ficaram ainda mais baixos, variando de

0,3% à 0,45% mais a média do INPC, dependendo do tempo de restituição do benefício, sendo de 0,3% para restituição em 12 parcelas e 0,45% para restituição em 36 parcelas.

Os benefícios reembolsáveis, porém, são exclusivos para os sócios contribuintes da MÚTUA. Para se tornar sócio contribuinte da MÚTUA, o profissional deverá estar com registro ativo no Sistema CONFEA/CREA/MÚTUA, pagar R\$10,00 de inscrição e uma anuidade de R\$130,00 (menos de R\$12,00/mês).

"Agora, o Mutualista também pode adquirir vários benefícios simultaneamente, desde que o total a ser restituído, mensalmente, não comprometa mais de 30% da renda bruta familiar; além disso, os dependentes dos sócios da MÚTUA também podem usufruir dos empréstimos e demais serviços oferecidos", conclui Granja.

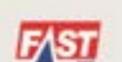
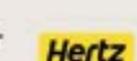
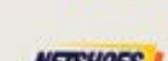
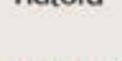
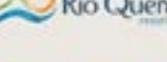
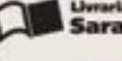
SUAS LOJAS PREFERIDAS EM NOSSO CLUBE



MÚTUA clube de vantagens



Algumas das empresas participantes no Clube de Vantagens

E tem muitas outras. Confira!

www.mutua-rj.com.br

21 2224-4295 / 2221-3834



MÚTUA-RJ
CAIXA DE ASSISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO CREA



Empresa responsável por 7 dos 12 gramados dos estádios que sediarão a Copa do Mundo de 2014 - Maracanã, Mineirão, Fonte Nova, Arena Pernambuco, Castelão, Arena Amazônia e Mané Garrincha.



A tecnologia dos melhores gramados do Brasil.

www.greenleafgramados.com.br
turf@greenleafgramados.com.br / contato@greenleafgramados.com.br
 RJ +55 21 2484-9527



ABGE

Associação Brasileira das Empresas e Profissionais de Gramados Esportivos

No Rio de Janeiro e no Brasil, ASSOCIADO MUTUA

tem direito
aos benefícios
reembolsáveis

Dezenas de convênios com descontos imperdíveis.
Parceria Mútua-RJ e AEARJ
Sócios da Aearj têm direito a todos os convênios.



21 2224-4295
2221-3834 / 2221-3907

juros de apenas
0,3 a 0,40%
a.m. + INPC
médio dos últimos 12 meses

* exceto Apolo Flex


AEARJ
Associação dos Engenheiros Agrônomos
do Estado do Rio de Janeiro

CONFEA  **CREA**
Conselho Federal de Engenharia e Agronomia Conselho Regional de Engenharia e Agronomia

 **MUTUA-RJ**
CAIXA DE ASSISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO CREA

Mais qualidade na sua vida